

AS ELEIÇÕES
NA INGLATERRA



DEPÓSITO LEGAL
1. NOV 1945



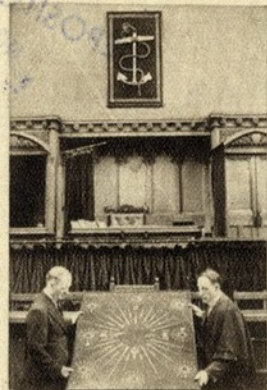
**MUNDO
GRÁFICO**

OS TRIBUNAIS INGLÊSES

O Palácio de Justiça de Londres (The Law Courts) está situado ao lado norte do Strand — rua movimentada que liga o bairro alegre e elegante do West End com a parda e grave City. Embora o estilo gótico da arquitectura dê ao edifício um aspecto medieval, só foi construído no último quartel do século XIX. Mas o bairro de Londres em que se ergue está pejado de associações com o exercício da jurisprudência, desde o século XIII, quando ali se estabeleceram os Colégios de Advogados (Inns of Court), sociedades para o estudo e prática da lei.

Neste edifício, estão alojados os vários tribunais que, no seu conjunto, formam o Supremo Tribunal de Justiça de Inglaterra. Constituem a culminância de séculos de experiência legal, pois a lei inglesa é o resultado de um processo de desenvolvimento que se estende ao longo de mais de 800 anos. Tem as suas raízes nos Grandes Conselhos (Great Councils) dos reis normandos do século XI, que resolviam as questões entre súbditos e castigavam os transgressores, e também nos numerosos tribunais locais que existiam ao mesmo tempo. Durante o século XII, a administração da justiça centralizou-se, cada vez mais, nas mãos dos juizes do rei e muita gente tinha que trazer os seus pleitos aos tribunais do rei, onde quer que se encontrassem reunidos. Como isto

(Continua na página 15)



A rosa dos ventos do Tribunal do Almirantado



Um advogado revê as suas notas, antes de entrar no tribunal. A estátua à esquerda é a de Edwin Wilkins, que muito contribuiu para a concentração dos tribunais neste edifício



No vestíbulo central está a estátua de Sir William Blackstone, o grande jurista do século XVIII



Um advogado enverga o vestuário tradicional no vestário do tribunal. Os de maior categoria (King's Counsel) usam becas de sêda e os outros becas de pano

O MOMENTO POLÍTICO

FOI LIDA AO CHEFE DO ESTADO

uma exposição sôbre as reclamações referentes ao acto eleitoral aprovadas na reunião republicano-democrática do Centro Almirante Reis

Os srs. drs. Mário Lima Alves, Adão e Silva, Câmara Reis, Gustavo Soromenho, Teófilo Carvalho dos Santos, José Magalhães e Manuel Mendes, membros da comissão organizadora da reunião do Centro Almirante Reis, a que presidiu o sr. prof. dr. Barbosa de Magalhães, depois de ter sido sollicitada uma audiência ao Chefe do Estado, conferenciaram, na dia 17 do corrente, com o sr. general Carmona, a fim de lhe expôr a situação política criada pelo movimento nacional de opinião pública democrática e pela posição que o Governo, por intermédio do chefe de distrito de Lisboa, informou ter sido assumida perante as reclamações aprovadas na mesma reunião.

Os comissionados foram recebidos no palácio de Belém, tendo o sr. dr. Lima Alves, depois de apresentar os seus colegas ao sr. Presidente da República, lido, justificando-o, o seguinte documento:

«Sr. Presidente da República. Excelência: Já tivemos a honra de representar a V. Ex.^a a propósito da dissolução da Assembleia Nacional, em obediência à ideia de praticarmos todos os actos que estivessem em nosso poder para que as eleições legislativas anunciadas tivessem o concurso de tôdas as correntes da opinião pública portuguesa.

Nesse momento, nada havia que caracterizasse a nossa iniciativa como transcendendo não movimento de boa vontade política de carácter individual, mais ou menos generalizada.

Hoje, depois das salientes manifestações de solidariedade e concordância que por todos os pontos do País se têm evidenciado, estamos em presença e sabemos traduzir o pensamento de um movimento de opinião pública generalizado em proporções grandiosas.

Mais ainda, o número elevadíssimo de adesões de pessoas do mais alto relêvo intelectual, em que se destacam os inúmeros professores universitários e das demais categorias de ensino, atesta que o movimento não se filia por reflexos individuais mas tem, pelo contrário, raízes fundas no pensamento da Nação. E a maneira pronta e ordeira com que a classe operária tem manifestado a sua concordância e quer continuar a manifestar a prova que nenhum sector ou condição da vida social portuguesa está alheio a este patriótico movimento.

Temos, pois, a honra de nos dirigirmos a V. Ex.^a, assumindo a representação, por este momento, das aspirações de milhões de portugueses.

Na reunião já conhecida por «Reunião do Centro Almirante Reis» foram votadas reclamações a apresentar ao Governo referentes ao acto eleitoral, reclamações que têm toda a viabilidade jurídica e que tôdas se ligam, directa ou indirectamente, com o acto eleitoral e que receberam a aprovação entusiástica

em tôdas as assembleias que, com a maior amplitude, as têm apreciadas.

E intenção das forças democráticas portuguesas concorrer às urnas, demonstrando, legalmente, pelo meio próprio que o espirito do País é democrático e estão aptas a intervir imediata e eficazmente na vida pública.

Mas não o poderão fazer sem que, mediante o deferimento das reclamações apresentadas, se consigam as condições mínimas de possibilidade de preparação e garantias de genuinidade do sufrágio.

O Ex.^{mo} sr. governador civil de Lisboa informou ontem os signatários da posição do Governo em face do problema: pelo menos, na aparência, há um indetermimento total.

Não esperávamos que a voz ordeira a disciplinada de grande parte da Nação tivesse tão pouca força que não conseguisse o mais leve eco! E permita Vossa Excelência que o digamos com a franqueza e lealdade que o amor da Pátria impõe perante problemas nacionais: não esperávamos encontrar a posição actual do Governo em contradição de fundo com as anteriores declarações produzidas pelo Sr. Presidente do Conselho e com a própria essência do acto eleitoral.

A comunicação que nos foi transmitida pelo sr. governador civil representa, com certeza, a opinião do sr. ministro do Interior, seu superior hierárquico. Juridicamente, representa a opinião do Governo: mas se, por um lado, está em harmonia com certas declarações produzidas por Sua Excelência durante a campanha eleitoral e por certos factos que pelos serviços do seu Ministério têm ocorrido, por outro lado parece contradizer a posição que o Governo tomou através do último discurso do Sr. Presidente do Conselho.

Nós não podemos acreditar que o Governo perfilhe a opinião do dr. Manuel Múrias, director do «Diário da Manhã» e deputado, que, segundo o relato do «Primeiro de Janeiro», de 14 do corrente, declarou publicamente numa reunião presidida pelo sr. ministro do Interior, que «o voto é um recurso para inglês ver».

E lemos com desgosto, no «Diário da Manhã», de 15 do corrente que o sr. Ministro do Interior dissera em Fafe que já estava perdendo a paciência com os movimentos e agitações dos últimos dias. Estes movimentos e agitações foram a simples, honrada e ordeira expressão de ideias políticas contrárias ao Governo.

E sabemos, também com desgosto, que nos últimos dias tem subsistido a censura à Imprensa, agravada pela sua duplicação, censura que foi ao ponto de impedir os jornais de anunciarem que ontem havíamos sollicitado ao sr. governador civil que se dignasse promover que V. Ex.^a nos concedesse audiência; a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado notificou, embora correctamente, os comerciantes de Lisboa e Porto que tinham nos seus estabelecimentos listas para recolha de assinaturas de adesão de que não poderiam continuar a fazer tal; e, em certos jornais, os insultos à corrente oposicionista dia a dia sobem de tom.

Sr. Presidente da República: Os democratas portugueses accorrem ao chamamento do Governo e querem ir às urnas!

O Governo afirmou que deseja uma honesta consulta ao electorado.

É justo que a prática não desmintas as afirmações. Depomos, Sr. Presidente, nas mãos de V. Ex.^a os elementos de um problema político de transcendente importância interna e internacional.

Apresentamos a V. Ex.^a as nossas deferentes homenagens Lisboa 17 de Outubro de 1945.

A audiência foi demorada, tendo, no final, o Sr. Presidente da República declarado, que em tal assunto, não desejava interferir nas resoluções do Governo.

ADESÃO DE JORNALISTAS

Os jornalistas que, com mais assiduidade, trabalham no "Mundo Gráfico", Artur Portela, Redondo Júnior, Augusto Ricardo, Guedes de Amorim e Carlos Ferrão, deram a sua adesão às resoluções tomadas na assembleia dos republicanos democratas do Centro Almirante Reis.

A GRANDE PAIXÃO

de GUEDES DE AMORIM

DEBRUÇOU-SE à janela e ficou a olhar a esquina da rua. Cantava-lhe no coração enorme alestria. Finalmente, ele vivia, sim, tinha a certeza de que viria, após 18 anos de ausência. De manhã, ela havia recebido um telegrama com estas palavras: «Chego combóio da noite. Irei visitá-la imediatamente. Levo uma surpresa para ti...» No primeiro momento, não acreditara, julgara-se presa nas malhas de um sonho, ou de uma mentira. Mas, logo depois, desembaraçada de dúvidas e receios, ficou ciente de que não se enganava.

O movimento da rua, a essa hora agonizante do crepúsculo, era animado como sempre: passava gente das fábricas e dos «ateliers», caminhando lentamente e falando de tudo. Matilde olhava com simpatia os que passavam.

Continuou a olhar a esquina, sabendo, embora, que tinha de esperar ainda algumas horas até que ele chegasse. Mas, agradava-lhe muito estar ali, ansiosa, como noutros tempos, para vê-lo aparecer lá adiante... De repente, ouviu dizer a um operário que passava com dois colegas:

— Vamos ter uma noite de chuva! Outros olharam o céu, carregado de névens ameaçadora e abanzaram a cabeça concordantes. Ana Matilde ficou assustada... Olhou também o céu, muito feiuoso e os seus olhinhos míopes perguntaram às nuvens se iria desabar sobre a cidade um grande temporal. Teve a triste impressão de colher resposta afirmativa.

Se chovesse, evidentemente, não seria motivo para que Domingos Manuel deixasse de aparecer. Mas, ela não sabia em que estado de saúde ele se encontrava, depois da longa doença que sofrera, e, por isso, se sentia assustada. Não queria perder a sua visita, não queria demorar por mais tempo a alegria de encher os olhos com a sua presença. Estava já curada da enorme paixão que por ele sentira, mas dedicava-lhe ainda como que a saúde e desse amor, tecida de muita ternura e verdadeira amizade.

A senhora que jantar? — veiu perguntar a criada, arrancando-a às suas meditações.

— Vou já. Comeu sem apetite. O pensamento fugia-lhe a todo o momento para Domingos Manuel. «Viria? Não viria? Como esta ria de aspecto? Teria voltado a casar?». Não, certamente não, pois nesse caso a teria informado, como costumava fazer sempre que dava novos rumos à sua vida. Afundava-se em perguntas e recordações. E, tão interessada estava nesse seu mundo íntimo e distante, de que Domingos Manuel era sempre o seu adorável companheiro, que estremeceu ao ouvir a criada dizer-lhe:

— Ai, minha senhora, que noite! Cheve a cântaros!

Foi verificar, por seus próprios olhos, a terrível e temida informação. Através da janela viu a rua e os passeios alagados. Chovia desapiedadamente. Então, convenceu-se de que ele não viria nessa noite...

Sentou-se de novo na saleta, com os olhos marejados de lágrimas. Com

uma noite assim, Domingos Manuel, mesmo que muito o desejasse, não viria. Enxugou os olhos; pegou num livro. Era-lhe impossível ler, contudo, e acabou por esquecer o livro no regaço. O passado chamava-a de novo... E revia-se, apaixonada de Domingos Manuel, logo depois de ele ter terminado o curso de engenheiro; depois sonhos lindos e lindos projectos; e, por fim, arrastado por um compromisso assumido num momento de loucura, ele havia partido inesperadamente para a província, para casar com uma prima. Ana Matilde sofrera então o que nunca havia sofrido. Depois seu pai seguiu o caminho derradeiro. A mãe tinha partido muito antes. Herdara uma fortuna, mas a riqueza deixara-lhe fria a existência...

O Domingos Manuel tinha sido feliz? Não tinha. Nas cartas que, durante dezoito anos lhe escrevera, queixara-se muitas vezes do destino e lastimava ter-se visto forçado, por motivo de honra, a trocá-la pela outra.

Ouviu-se o gansar da campainha. Quem seria? O Domingos Manuel? A criada apareceu, em seguida a anunciar a visita de um cavalheiro.

— Mande entrar. Ficou a tremer, emocionada. «Enfim ele sempre tinha vindo... Como é que a encontraria? De que falariam?» Mas, arregalou muito os olhos e o coração como que lhe parou, ao ver entrar um homem estranho, corcovado e velho.

— É a senhora D. Ana Matilde de Lourenço e Castro a quem tenho a honra de falar?...

Ela, inquieta e aterrada baixou a cabeça. O recém-chegado disse, então, mas com visível esforço.

— Venho da parte do engenheiro Domingos Manuel informar V. Ex.^a que...

D. Matilde indicou-lhe um «fauteuil». Ficaram sentados um em frente do outro...

— Chamo-me Adelino Fontes, sou advogado e amigo do infeliz Domingos Manuel e, nesta dupla qualidade, de que muito me honro, é que o acompanhei na viagem e aqui estou, também...

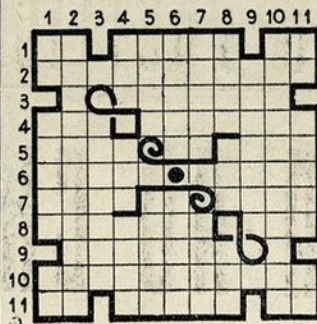
Um pesado e curto silêncio passou, «Que teria acontecido?» D. Matilde esperava ansiosa, que o homem continuasse. Sentiu que o seu coração ameaçava estoirar...

Torcendo as mãos, o dr. Adelino Fontes prosseguiu, escolhendo as palavras. O Domingos Manuel, depois de enlutar, havia caído numa apatia mórbida e prolongada, que o levou a abandonar o trabalho e, depois, a tomar à cama. O seu médico assistente, na aldeia, chegou mesmo a desesperar. Felizmente, Domingos lá arribou, mas a doença havia já degenerado em ameaças terríveis: deitava sangue pela boca... Com a entrada do Inverno, as hemoptises redobram.

— E hoje, — rematou o advogado — à saída da estação, sofreu outra — a maior de todas!

— Está então em estado grave?

— Muito grave, suponho. Mande chamar o médico, que chegou no mo-



PROBLEMA N.º 121

HORIZONTAIS

- 1 — Célebre poesia inglesa, de Kipling, universalmente conhecida; Um dos nomes de Minerva, considerada como deusa da guerra; A ti.
- 2 — Emulações.
- 3 — Arraigar.
- 4 — Nocivas; Árvore da Índia, cuja casca e raiz se empregam no curativo de feridas.
- 5 — Espécie de antílope; Solitário; Arranjar-se.
- 6 — Repete; Prognostiquei.
- 7 — Nascimento de um astro; Antes de Cristo; Superfície.
- 8 — Hábito de proceder segundo o uso, sem atender ao progresso (pl.); Senhores (abrev)
- 9 — Ladrões que cruzam os mares.
- 10 — Que têm uma só célula.

- 11 — Carta de jogar; Adições; A mim.

VERTICAIS

- 1 — Freqüentar; Que chegou aos 21 anos; Canhamo de Índia.
- 2 — Os que ocupam em melhorar a sorte dos seus semelhantes.
- 3 — Cidade da Alemanha, capital da província da Pomerania.
- 4 — Parceiro; Cínico; Eirós.
- 5 — Içam; cabrito de um ano.
- 6 — Labutas; Pesquisem.
- 7 — Fato causa comum; Compartimento de uma casa.
- 8 — Saco grande; Pedra do altar; Animo!
- 9 — Apelido do escritor inglês, contemporâneo, que muito se ocupou da história dos portugueses na Índia.
- 10 — Hesitam.
- 11 — Pertences; Cantigas; a pópua dos navios.



Solução do problema n.º 120

mento em que eu me dirigia para aqui.

— E onde é que ele está?

— No hotel. Pede a V. Ex.^a, que o vá visitar. Eu tenho lá em baixo um taxi à espera. E se V. Ex.^a quiser...

— Sim eu vou lá com V. Ex.^a, faça o favor de esperar um instante...

Dirigiu-se a correr ao quarto. Sentia-se aturdida, ofegante, desorientada. Lançou mão de um chapéu e de um casaco sem olhar a preferências. Por fim, diante do espelho, ao dar uns toques de pó de arroz na cara, disse para si mesmo, com amargura, pensando em Domingos Manuel: «Vai-me achar muito velha, muito velha»...

No carro, durante o curto trajecto, por ruas a descer, com raros transeuntes apressados, fugindo da chuva, que cada vez caía com mais intensidade, D. Matilde não soltou sequer uma palavra. Pensava, pensava sempre em Domingos Manuel. A sorte ruim perseguia-a, como sempre... Ao cabo de tantos anos, quando ia fruir enfim a alegria de o ver frente a frente, depois de um grande amor transformado em grande amizade, eis que a doença o amarfanhava, talvez mortalmente, e a levou à sua presença.

Subiu, apressadamente, as escadas do hotel, com o advogado atrás de si.

— Ai, nessa parte, minha senhora — indicou Adelino Fontes, a meio de um corredor.

Um homem saía justamente do quarto nesse momento. Era o médico. O advogado ficou a falar com ele. E, a meio, então, ela entrou no aposento. Domingos Manuel esperava... Apartaram-se as mãos, assim ficaram uns instantes e, em vez de palavras, as primeiras coisas que tiveram para dizer um ao outro foram lágrimas. Depois, ela sentou-se na cama e vol-

tou a tomar-lhe as mãos. Ardiam como fogo. «Que lhe havia de dizer?» Mas, foi ele quem começou:

— Obrigado, Matilde, por teres vindo. Eu não o merecia...

— Mas, sentes-te mal?

Domingos Manuel teve um sorriso cansado. Estava muito pálido, muito olheirento. Confessou:

— Estou no fim. O médico, que acaba de sair, disse-me que poucas horas me restam de vida.

— Impossível, Domingos! — gemeu ela, num enorme e doloroso esforço — Os médicos mentem sempre.

— Mas eu sei por mim que é verdade.

Ficaram um momento a olhar um para o outro.

— Continuas sempre encantadora, Matilde — disse ele, depois, num sorriso breve, amável e galante.

— Não digas isso, Domingos. Os anos passaram. Envelhei...

— Ah! confesso que nunca te achei tão linda.

Olhou-a como se adorasse. Ela feliz e comovida, também, olhou, mas com expressiva gratidão. Via-o sorrir ainda, mas respirava com dificuldade. Seria o fim? Não, não podia ser. Não queria que ele morresse, agora, em que dava à sua amizade o maior valor do mundo.

— Matilde, meu amor... é tarde para voltarmos ao passado — prosseguiu Domingos Manuel — A morte espera por mim, aproveitemos os últimos momentos.

— Estou às tuas ordens — confessou ela, convencida de que não devia nem podia contrariá-lo.

— Recordas-te que te anunciei uma surpresa?

— Sim, Domingos, dizias no telegrama que tinhas uma surpresa para mim...

(Continua na página 28)

REFLEXOS DO MUNDO

Coincidências

Um correspondente de guerra contou-me que no parque de automóveis de Church Street encontrou um dia seis carros com o mesmo número de registo tendo, como é natural, letras diferentes.

Desejava ele saber quais eram as probabilidades de se dar tal facto e duvidava que mesmo um professor de matemática conseguisse fazer tal cálculo.

Liverpool Daily Post

O campo visual

Para pessoas de várias alturas, a distância a que se situa o horizonte, é diferente. A distância que o olho humano alcança varia com a altura em relação ao nível do mar. Uma pessoa cuja altura é de cinco pés pode ver tudo que se passa num campo de duas milhas e três quartos em redor. Se tiver seis pés de altura, a sua vista abrange mais um quarto de milha. Se um homem estiver sobre o telhado de uma casa que tem cem pés de altura, será capaz, num dia límpido, de abranger mais de treze milhas. Num aeroplano poderá ver tudo que se encontra num raio de noventa milhas.

Christian Herald



Miss Wendy Rossini, que também esteve no campo de concentração de Stanley, em Hong-Kong

O nylon

O nylon, a substância de que serão feitas, no futuro, as meias das senhoras, é utilizado na confecção dos paraquedas e na dos cabos de reboque dos aviões sem motor. Um cabo de meia polegada de diâmetro puxa três toneladas de peso. A propriedade do nylon que o indica para a confecção dos paraquedas, dos cabos, e das meias das senhoras, é o grande poder de absorver o choque. Sujeito a um súbito esticção, mostra de entrada grande alongamento, voltando depois lentamente às suas dimensões iniciais. É isto que acontece quando se abre um paraquedas: no momento em que o avião sem motor é rebocado e quando uma senhora salta para dentro de um carro.

Everet woman

A folha do acer como emblema nacional

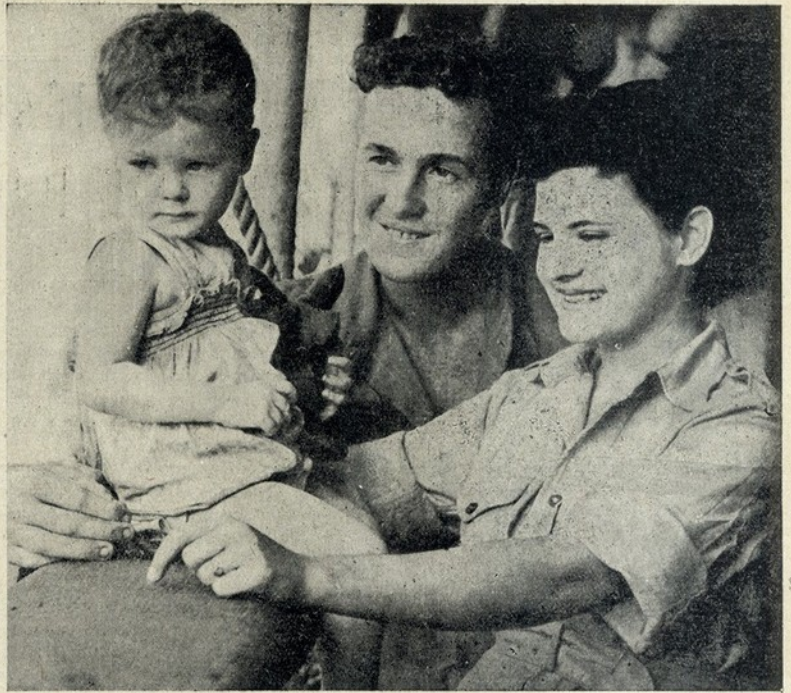
A folha do acer canadiano foi pela primeira vez utilizado como emblema nacional, em Toronto, onde, em 1860, se faziam os preparativos de uma parada em homenagem ao Príncipe de Gales, que ali ia de visita. Sugeriu-se que todos os nativos canadianos usassem uma folha de acer para assim mostrarem a sua nacionalidade. Alguns usavam-nas tiradas das próprias árvores, outras feitas de prata.

Esta mesma folha desempenhou, mais tarde, um papel importante na história do Canadá. Tropas canadianas e inglesas, que combatiam nas selvas, descobriram que os seus capotes vermelhos eram bellosimos pontos de referência. Para evitar este inconveniente, resolveram abrir uns buracos e espetar algumas folhas de acer de maneira que assim escondiam, o melhor que podiam, o vermelho dos uniformes.

Herald

Coqueiros prè-históricos

Alguns coqueiros prè-históricos de North Auckland foram transportados para a Forest and Bir Protection Society. Os seus frutos têm aproximadamente as dimensões de uma bola de golf e constituem ma excepção de u



variedades actualmente conhecidas. O terreno onde foram encontrados, calcula-se, tem mais de 2.000.000 de anos de idade. Por conseguinte, os coqueiros apareceram na Nova Zelândia pouco antes dos grandes glaciares, quando o clima era mais quente do que o de agora.

New Zealand Weekly News

Os automóveis de amanhã

Rescoe Turner, o primeiro piloto aviador, em velocidade, disse uma vez: qualquer dia, quando quiserem comprar um automóvel, a agente perguntará se o prefere com ou sem asas. Nessa altura, poderão dirigir-se a um aeroporto, colocar as asas e seguir para casa.

Efficiency Magazine

O tráfego em Toronto

Segundo leis, ainda não postas em execução, os peões, em Toronto, são obrigados a levantar os braços quando resolvem dar uma volta; devem seguir pelo lado direito dos passeios e não devem correr para os veículos, que circulam nas ruas.

Canada's Weekly

Os cucos

Os cucos, aves das quais se conhecem para cima de 200 espécies, sub-espécies e variedades, são dos animais mais estranhos. Destas aves, poucas fazem ninho próprio e se comportam como as restantes. Outros, e especialmente os notáveis cro-

A VIDA RECOMEÇA

Estiveram ambos prisioneiros dos japoneses em Singapura. Agora, libertados, vão recomeçar a vida, junto do filhito de quem estiveram separados durante os anos de cativoiro

tóphagus americanos, utilizam ninhos comuns nos quais várias fêmeas põem os seus ovos. Estes cucos podem, por isso, ser considerados como os comunistas da sociedade aviária.

Mas a maioria dos cucos não faz ninho e nos usos e extravagantes costumes das suas vidas domésticas parece-se com o velho cuco inglês.

Em qualquer dos casos, o cuco é um inimigo da sociedade ideal aviária e desta maneira uma abominação, exactamente como a Bíblia o determinou.

Cockoo

Coisas fantásticas

Um impedido do «Royal Canadian Air Force Typhoon», descansava confortavelmente na tenda, quando súbitamente, um pedaço denteado do envólucro de uma bomba, atravessando a lona, veio cair junto dele. Apanhou-o. Tinha o tamanho de uma meia corêa.

Nada de anormal a não ser no facto de nela estar inscrito o número 267504, o mesmo do seu cartão de identidade.

E agora esta: Há algum tempo, Christopher Columbus, natural de Albany, Nova-York, recebeu os seus documentos de mobili-

zação que vinham registados sob o número 1492, isto é, o ano em que o seu homónimo descobriu o Novo Mundo.

Weekby Telegraph



Este é o arquitecto A. Raven, de 70 anos, que esteve internado num campo de concentração de Hong-Kong, durante a ocupação japonesa



GEORGE ISAAC ★

GEOURGE ISAAC recolheu uma herança pesada. Pesada pela natureza da tarefa que lhe foi confiada e pela categoria e obra do seu antecessor. Ernest Bevin foi encarregado de mobilizar o potencial humano da Grã-Bretanha, numa hora dramática para a vida da nação e do povo inglês. A maneira como se desempenhou dessa incumbência não ficou constituindo apenas um título de honra pessoal para o ministro, que tão nobremente soube colocar-se à altura das circunstâncias. A mobilização da mão de obra britânica é, unanimemente, apontada em todo o mundo como uma realização sem precedentes, sob o ponto de vista social e sob o ponto de vista técnico.

George Isaac, que conta actualmente 62 anos, se é um velho e categorizado militante do trade-unio-nismo britânico, tal como aconteceu ao seu antecessor, encarregou-se de proceder à desmobilização do povo inglês e iniciou a realização dessa tarefa sob os melhores auspícios, procurando dar efectivação prática e rápida ao chamado plano Bevin.

O novo ministro do trabalho da Grã-Bretanha não é um exaltado nem um sectário. Realiza o tipo acabado do homem de Estado de tipo administrativo, feito na escola do trabalho perseverante e contínuo, educado na escola do sacrifício pessoal à superioridade de uma ideia e à grandeza de um grande objectivo nacional a realizar. Herdeiro de uma tradição de trabalho honesto e calmo, representante de uma família de trabalhadores, George Isaac é um autodidata feito na carreira do sacrifício e da leitura, sem auxílios nem compensações de ordem material. A sua isenção exemplar é, na carreira política deste homem, um título de nobreza que dificilmente poderia ser contestado.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A JUSTIFICAÇÃO DA ATITUDE INGLÊSA

SE ainda se tornasse necessário justificar a atitude inglesa durante a segunda conflagração mundial a publicação recente dos documentos encontrados pelos serviços de policia militar britânica sobre a tentativa de invasão da Grã-Bretanha e da sorte reservada ao povo deste país constituíram a prova decisiva e irrefutável que só fazendo corajosamente a guerra elle podia salvar-se e conservar a sua grandeza e a sua independência tradicionais.

A história começa a ser feita e com o testemunho irrefutável daqueles que preparam a catástrofe em todos os seus pormenores. Quando no seu discurso inesquecível de 4 de Junho de 1940, que fez vibrar, num frémito de comoção enternecida, a consciência do mundo, Winston Churchill afirmava que os ingleses se bateriam «nas praias e nos campos, nos aerodromos e nas casas» o grande estadista que salvou a humanidade da paz hitleriana, a paz dos cemitérios e dos campos de concentração, sabia que cada um dos seus compatriotas tinha a noção exactados riscos que a sua segurança pessoal estava a correr e do futuro que esperava a nação inglesa no caso duma vitória alemã.

Que teria acontecido à Inglaterra e ao mundo se o povo da Grã-Bretanha não tivesse sido dominado por esse reflexo salvador que ficará como a mais bela página de toda a sua orgulhosa existência e como um testemunho imperecível de dignidade e de vibração humana? Para responder a esta pergunta, estão hoje à vista de todos os documentos insofismáveis que revelam a estensão dos planos do Estado Major alemão e do partido nacional-socialista para serem integralmente applicados na conquista e na ocupação do território da Grã-Bretanha. A conquista seria rápida e a ocupação prolongada. O marechal Brauschitch, por um lado, e os colaboradores políticos do fúhrer por outro não queriam deixar ao acaso de improvisações sempre de recear nem o mais pequeno pormenor das condições em que aquelas duas operações deveriam realizar-se. Sabe-se como a aviação de caça inglesa destruiu todas as ilusões que a elaboração desses planos havia suscitado derrubando, só num dia, o dia 15 de Setembro de 1940, cento e oitenta e cinco bombardeiros da Luftwaffe no céu de Londres.

Por isso Goering, batido na batalha aérea da Grã-Bretanha, preparou um novo plano para substituir o de Brauschitch que, precisamente, a insuficiência da arma aérea de que tanto se orgulhava e estrondosamente provocara. O plano de Goering teve a mesma sorte do plano de Brauschitch. O primeiro foi destruído pela acção corajosa dos aviadores britânicos, o segundo arruinado nas arelas da Líbia pelo esforço dos soldados da Grã-Bretanha. A linha vital de comunicações que, passando pelo Mediterrâneo estabelecia o contacto indispensável entre a metrópole e o Império, não foi cortada. Na Europa como em Africa os alemães sentiram-se batidos e as suas esperanças desvaneceram-se finalmente.

Foi então que Hitler e os seus colaboradores procuraram pela segunda vez (a primeira foi com a poltuca de apaziguamento) vencer a Inglaterra pela persuasão. A missão de Rodolfo Hess malogrou-se como os planos de militares de Brauschitch e Goering. Por uma ironia do destino, os três se encontram agora em vésperas de responder pelos seus actos.

O OBSERVADOR

A bomba atômica

Vai acesa a discussão entre políticos e cientistas, entre militares e diplomatas, sobre as vantagens e inconvenientes de guardar o segredo da bomba atômica. Será possível guardar esse segredo por muito tempo ou, pelo contrário, não tardará que elle seja descoberto por outros povos e, possivelmente, utilizado por elles?

O Presidente Truman declarou, recentemente, que os Estados Unidos desejavam limitar o conhecimento do segredo da fabricação da bomba atômica (pois quanto ao resto parece não haver já segredo nenhum) aos países que, actualmente, o conhecem e que são, como se sabe, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Canadá. Dos três, parece que o segundo é o único que está, actualmente, em condições de fabricar tão terríveis engenhos dado o grau de aperfeiçoamento do seu equipamento industrial. Claro que todos estes devaneios esbarram perante a única realidade que a descoberta da bomba atômica veio criar e que muitos teimam ainda em não querer ver. Para evitar os seus efeitos, só há um processo eficaz: não a empregar criando as condições em que o mundo deve viver e prosperar pacificamente.

A próxima reunião

A diplomacia dos países aliados trabalha, incansavelmente, para que se realize, em breve, uma nova reunião em que estejam devidamente representadas as grandes potências que fizeram e ganharam em comum a última guerra. As declarações recentes do general De Gaulle recusando-se a interpretar o malôgro da conferência de Londres, como uma indicação clara de que deve considerar-se terminada a colaboração entre essas potências, constituem um sintoma animador que por toda a parte suscitou as mais fundamentadas esperanças de que o espectro duma nova guerra se não perfilará tão cedo no horizonte das realidades internacionais numa altura em que ainda mal começam a curar-se as feridas da última e temerosa conflagração.

É este é um desejo de todos os povos, sem excepção, cansados de sofrer, cansados de lutar, esperando, justamente, a paz a que têm indiscutível direito. E a paz, apesar de tudo, há-de ser uma realidade.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogrevura, Lda. — Travessa do Oliveira, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NO dia 5 de Julho o povo da Grã-Bretanha elegeu 640 deputados. A Câmara dos Comuns era constituída por 615 deputados, dos quais 603 representavam círculos eleitorais regulares — cidades, partes de grandes centros urbanos ou áreas rurais — e 12 escolhidos por homens e mulheres possuindo graus universitários para representarem as Universidades no Parlamento. Os limites dos círculos eleitorais regulares foram fixados em 1918 mas, de então para cá, a população aumentou e deslocou-se bastante, em resultado de que alguns círculos tinham menos de 30.000 eleitores e outros mais de 150.000. Para obviar, temporariamente, a esta desigualdade, alguns dos círculos maiores foram subdivididos em dois, três ou quatro partes, cada uma das quais elegeu um deputado. Eis a razão do aumento de 25 deputados nas eleições. Tenciona-se proceder, mais tarde, a uma revisão dos limites e nomear uma comissão permanente encarregada de observar os movimentos populacionais e de propor futuras alterações para que nenhum círculo eleitoral se afaste muito da média de



As eleições na Grã-Bretanha. Numa assembleia de voto, quando do último sufrágio, disputado entre outros, pelos partidos Trabalhista e Conservador

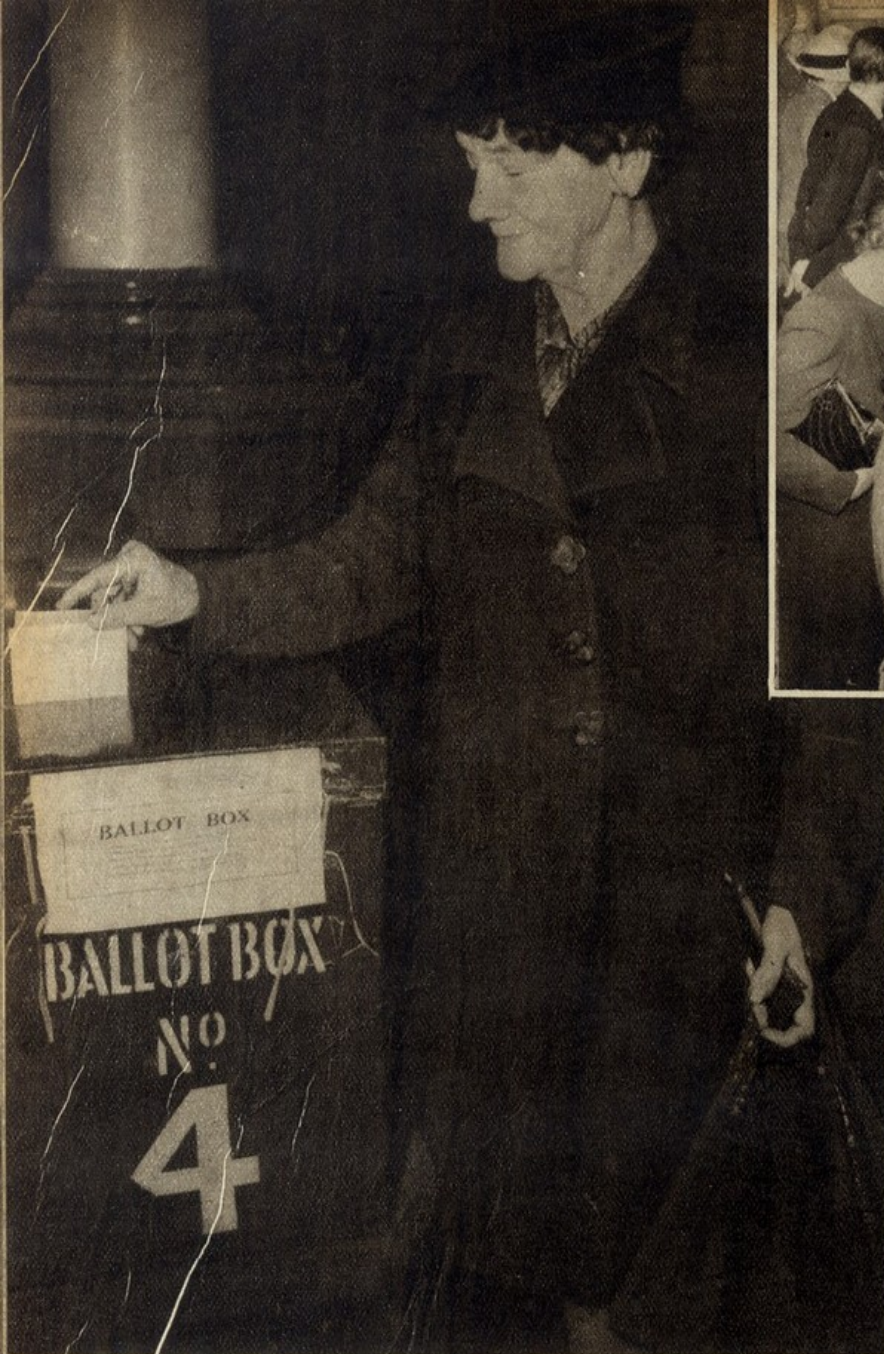
COMO VOTAM OS INGLÊSES



Cada um vota como quere, e quando o governo perde as eleições, como sucedeu a Churchill, intervem o «fair-play».



Attlee e Bevin satisfeitos com o resultado das eleições, que deu a vitória ao partido Trabalhista



Todos votam como entendem



A contagem dos votos das forças armadas, homens e mulheres, espalhados pelo mundo

50.000 eleitores. Existiam cerca de 30.000.000 de súbditos britânicos maiores de 21 anos e quase todos eleitores habilitados. As excepções eram facilmente compreensíveis: — os loucos e as pessoas recentemente condenadas por crimes graves ou por delitos contra as leis eleitorais, tais como suborno, perderam os seus direitos políticos, nem tampouco podiam votar numa eleição para a Câmara dos Comuns as 780 pessoas com assento na Câmara dos Lordes. Era do dever dos funcionários públicos locais manter em dia um registo ou caderno eleitoral de todos os eleitores habilitados que residiam na sua área e todo o eleitor habilitado podia ter acesso a este registo e verificar se o seu nome figurava nele. Em vista das grandes deslocções populacionais motivadas pela guerra, decretaram-se várias leis especiais para tornar continuo e manter em dia esse registo.

O facto de residir dentro da área do circulo eleitoral não era o único motivo para figurar no caderno eleitoral.

Um homem ou uma mulher, habilitados por residência num circulo, podiam também figurar no caderno eleitoral de outro circulo por possuírem nele estabelecimento comercial e, como já se disse, os graduados das universidades tinham direito a mais um voto. Todavia, numa eleição, nenhum eleitor podia dispor de mais de dois votos e os que chegassem a lançar nas urnas mais de um voto não passavam de cerca de 10 por cento do total dos eleitores.

O voto das Forças Armadas

Durante os últimos dois anos proporcionaram-se aos homens e às mulheres das Forças Armadas da Grã-Bretanha facilidades para cumprir as formalidades necessárias para lhes garantir o registo nos cadernos eleitorais e tinham sido animados a fazê-lo. Podiam também delegar nas suas mulheres, parentes ou amigos o direito de voto por procuração no caso dos deveres militares os impossibilitarem de votar pessoalmente. Em eleições parciais recentes, motivadas por falecimento ou retirada de deputados à Câmara dos Comuns, foram lançados às urnas milhares desses votos por procuração.

Com raras excepções, todos os eleitores habilitados podem propor a sua candidatura numa eleição. Os funcionários civis e alguns eclesiásticos não podem ser eleitos. Antes da guerra, os membros efectivos das Forças Armadas também estavam excluídos mas esta regra não tinha efeito no momento presente pelo que um grande número de militares tentava apresentar a sua candidatura nas eleições gerais.

Quando se decide efectuar eleições, as autoridades locais são obrigadas a nomear um fiscal (returning officer) para cada circulo eleitoral. Ao mesmo tempo, fixam-se duas datas,

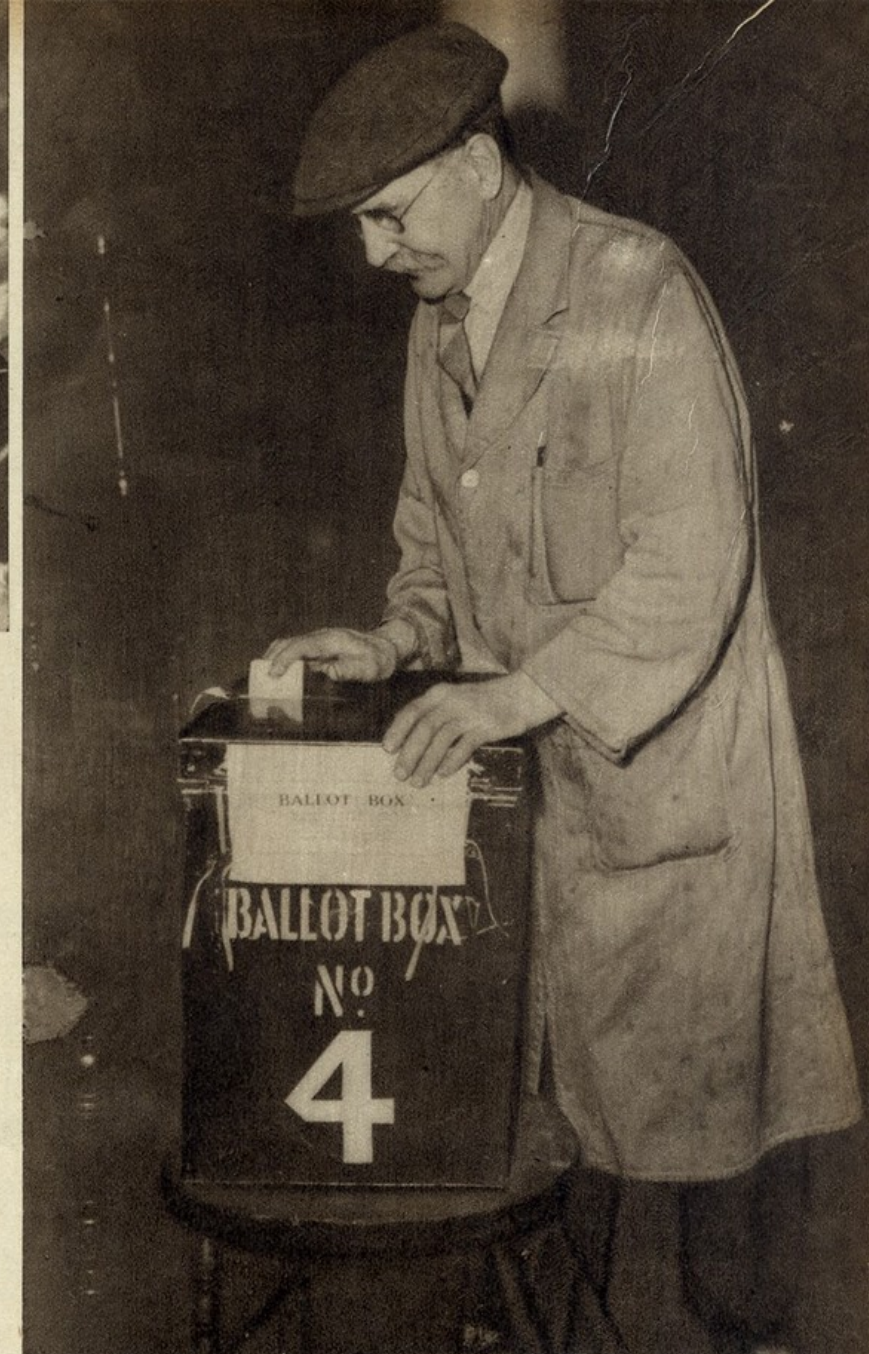


Churchill bateu-se, como um leão, para ganhar as eleições. Discursando no Stadium de Londres

uma para o «dia de nomeação» e a outra para o «dia da votação». No «dia de nomeação» cada candidato deve apresentar-se ao fiscal e mostrar-lhe um abaixo assinado de pelo menos dez partidários que apoiem a sua candidatura. Deverá também depositar a quantia de 150 libras que lhe será reembolsada depois das eleições, sob condição de serem a seu favor pelo menos a oitava parte dos votos lançados nas urnas do seu circulo. De contrário, o depósito de 150 libras reverterá a favor do Estado. (Isto é para evitar que apresente a sua candidatura um número demasiado avultado de pessoas sem apoio suficiente do eleitorado).

Os candidatos começam, habitualmente, a sua campanha eleitoral uma ou duas semanas antes do dia de nomeação e, ao todo, haverá três ou quatro semanas animadas de comícios e discursos antes de se ir às urnas. Toda esta campanha eleitoral custa dinheiro e a lei estabelece quanto pode dispendir cada candidato e como o deve dispendir. O máximo legal — que foi recentemente reduzido por lei — é de 450 libras mais um dinheiro por cada eleitor do circulo, se fôr uma área urbana, e dois dinheiros, se fôr uma área rural, onde é mais difícil e oneroso entrar em contacto com cada eleitor. (Cada libra tem 240 dinheiros). Para um circulo eleitoral médio, esta despesa pode ser de cerca de 650 libras nas cidades, e 900 libras no campo, mas, na prática, poucos são os candidatos que chegam a gastar tanto. De mais a mais, só se pode gastar dinheiro com propaganda legítima,

(Continua na página 26)



O voto é sagrado!



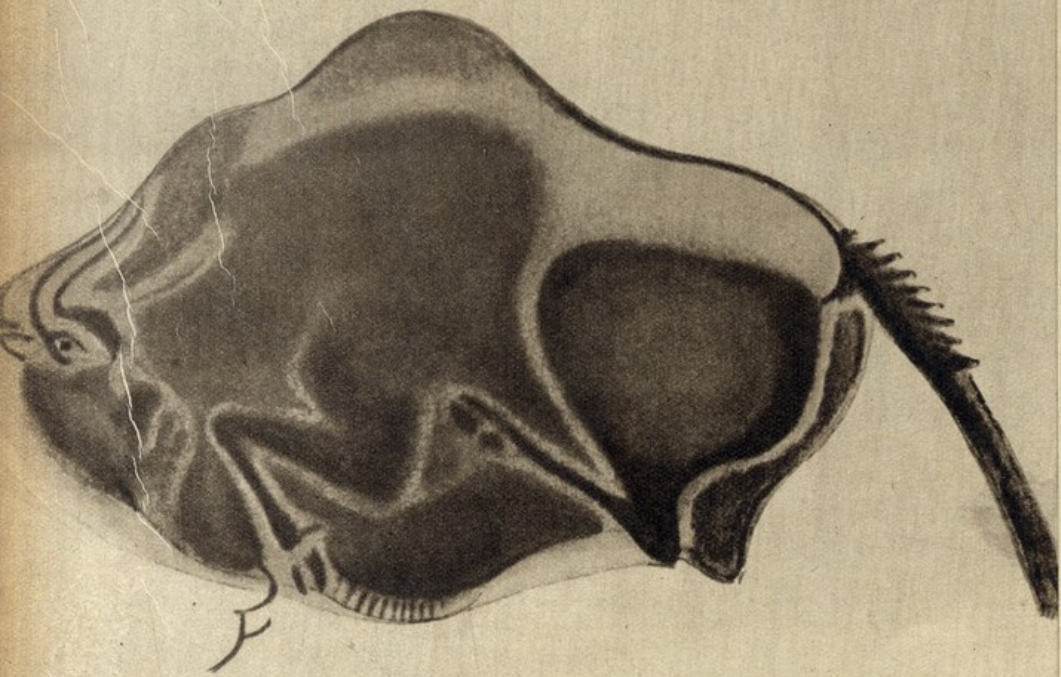
O capitão Aitken, da R. A. F., filho do Lord Beaverbrook, candidato Conservador, assistindo à contagem das listas



A esposa do antigo Primeiro Ministro, ao lado do candidato independente que foi vencido, o sr. Hancock



O sufrágio é genuíno. Os candidatos a deputados assistem à contagem dos votos



Uma cõrça, de delicado contorno



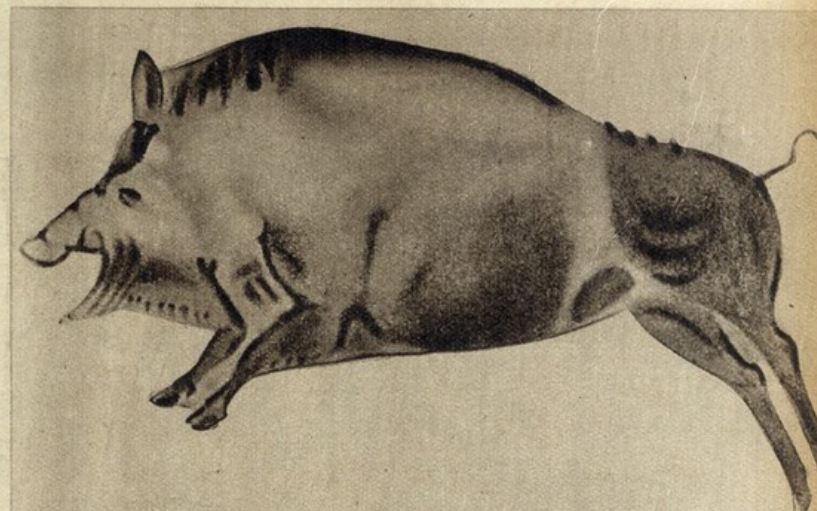
Pintura prè-històrica do bizonte, na qual se pode admirar a correção do desenho. O animal parece dormir.

A CAPELA SIXTINA DO QUATERNÁRIO

Este magestoso animal, hoje desaparecido da fauna europeia, é de uma singular corpulência



A gruta de Altamira, em Espanha, é conhecida como a Capela Sixtina da época quaternária. Ali, o nosso avoengo das épocas remotas do paleolítico manifestou, com exuberância, os seus dotes artísticos. A gruta não é muito alta, mas é de grandes dimensões, internando-se, profundamente, na terra. O tecto, de rocha polida pela natureza, amareleceu com o tempo que lhe deu um tom doirado de marfim velho. O chão é irregular. Aqui e ali, frágulas afloram no solo. Por vezes, desce-se por caminhos acidentados; outras, sobe-se, embora os desníveis não sejam grandes. Por fora, quasi não se repara na caverna. Um cancelo que dá a impressão da entrada de uma mina de água. É claro que, nos tempos prè-històricos, a abertura da gruta devia ser, facilmente, oculta com uma pedra, tornando-se assim invisível a olhares curiosos. Foi nêsse fojo humano, que o cavernicola, ainda semi-nu, de grandes cabelos e mandíbulas ferais, criou uma extraordinária galeria de arte, pintando no teto e ao alto das paredes, mas sobretudo, naquêle, com um extraordinário poder de realismo, os grandes exemplares da fauna que então pisavam a crusta terrestre. Chega a ser emocionante o dinamismo que lhes imprimiu. Esses animais correm, saltam, caem feridos, ou mostram-se nas mais variadas posições, surpreendido até à minúcia no mais ténue jogo muscular. Os nossos avós trogloditas não se limitaram, apenas, a desenhá-los anatómicamente com um rigor, digamos académico. Levaram mais longe a sua sugestão. Os bisontes, os cavalos, (Continua na página 30)



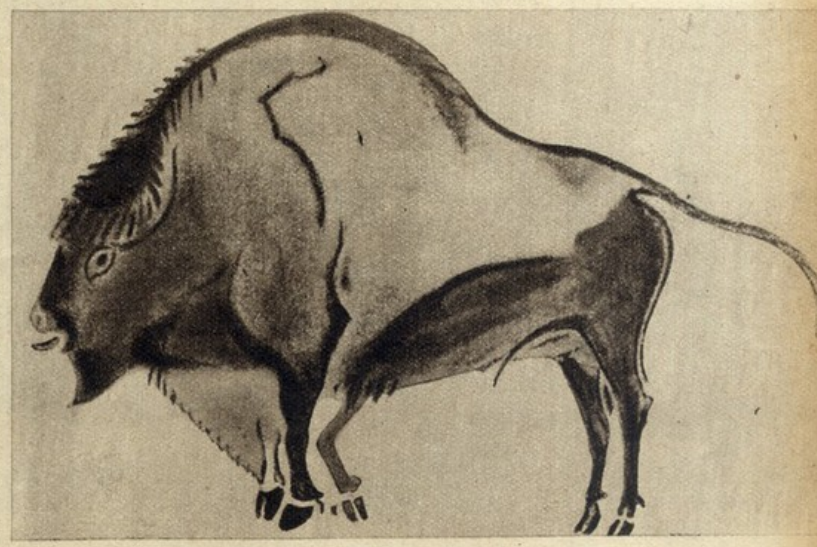
Um javali em corrida, prodigioso de movimento



Outro bizonte, da gruta de Altamira



Uma dança dos homens da floresta, que ilustra a gruta da Colónia do Cabo



Um magnífico exemplar da fauna paleolítica

Uma obra-prima pintada a branco e oiro, descoberta numa caverna da época da pedra lascada, na África do Sul



Ela chama-se Gjon Mill e hão-de concordar que não fica a dever coisa alguma à Sonja Henie



Reparem como o fotógrafo, como se usasse fitas luminosas, conseguiu fixar a trajetória do louco e vertiginoso rodopio dos pés

A PATINADORA E O FOTÓGRAFO



Diz-se-ia que os patins são fosforescentes, de tal maneira impressionam a objectiva

CLARO que ao publicarmos estas fotografias, hesitámos se devíamos chamar a atenção dos nossos leitores para a patinadora se para as fotografias, propriamente ditas. É que o fotógrafo — grande fotógrafo, evidentemente — pretendeu fixar na película — e conseguiu-o — as estranhas trajetórias dos pés da graciosa acrobata. Dir-se-iam pés forforescentes que deixaram no espaço estranhas geometrias. Muitos nos dirão, porém, que não lhes interessa, absolutamente nada, que o fotógrafo pretenda, ou não, mostrar que é habilíssimo, preferindo fixar os olhos, demoradamente, nas atitudes do modelo. E, daí talvez tenham carradas de razão, o que não quer dizer que não devam que estar, também, reconhecidos ao homem da objectiva por ter sabido escolher uma patinadora que pode, muito bem, rivalizar, em tudo, especialmente na beleza, com a Sonja Henie.

Não importa. Os leitores têm absoluta... liberdade de escolher...

TRIBUNAIS INGLÊSES

(Continuação da página 2)

oferecesse inconvenientes e era dispendioso, os tribunais do rei acabaram por se instalar, de maneira permanente, em Londres.

Introduziu-se outro melhoramento quando, para evitar que tanta gente tivesse que deslocar-se a Londres, juizes ambulantes do Supremo Tribunal de Justiça (King's Bench) começaram a ser enviados aos diversos condados passaram a chamar-se «Judges of Assize» (juizes dos tribunais periódicos dos condados). A magistratura central em Londres criou um certo número de divisões para tratar de várias espécies de litígio e o actual Real Palácio de Justiça foi construído em 1874-1882 para alojar todo o conjunto que forma o Supremo Tribunal de Justiça.

O actual sistema de tribunais ingleses é o seguinte: Os casos civis, isto é, os litígios entre os indivíduos, que impliquem questões de pequena importância, são julgados nos Tribunais dos Condados (Country Courts), de que existem cerca de 500 espalhados por todo o país, cada um deles sob a presidência de um juiz de tribunal do condado conveniente e altamente instruído para esse efeito. Outras questões são julgadas nos tribunais periódicos (Assize Courts), que reúnem, pelo menos, duas vezes por ano em cada condado, por juizes do Supremo Tribunal de Justiça (King's Bench Division). Tudo o mais vai para o Supremo Tribunal de Londres que tem actualmente três divisões: «King's Bench Division» (Tribunal Superior) «Chancery Division» (Divisão de Chancelaria ou da Relação) e «Probate, Divorce and Admiralty Division» (Divisão dos Tribunais para registo, exame e execução de testamentos, Divórcio e Almirantado). Estas divisões, juntamente com o Tribunal da Apelação, para a qual se pode apelar contra as sentenças passadas em outros tribunais, formam o Supremo Tribunal de Justiça.

Os casos criminais (em que o próprio Estado é a parte contra o transgressor) que sejam de pequena importância são julgados nos tribunais locais chamados «Petty Sessions» (Tribunais Inferiores), aos quais presidem magistrados voluntários não remunerados. Crimes mais sérios vão para as «Quarter Sessions» (Tribunais Trimestrais) onde são julgados por juristas encartados. Os crimes realmente graves são julgados nos Tribunais Periódicos dos Condados (Assize Courts). As apelações são julgadas no Tribunal Criminal de Apelação, em Londres.

De longe em longe, se um caso civil ou criminal envolve uma questão legislativa importante, pode apelar-se, em última instância, para a Câmara dos Lords — uma das casas do Parlamento — onde a questão é resolvida por membros da casa que tenham exercido altos poderes judiciais.



A PAZ NA EUROPA

Os refugiados voltam aos seus lares, graças ao heroísmo dos soldados das Nações Unidas. A vida renasce, muitas vezes, num sorriso de criança

HERÓIS CONDECORADOS



Muitos dos soldados britânicos capturados em Singapura foram para este campo de concentração perto de Bangkok onde as condições eram inhumanas

O CASTIGO



Os japoneses são, agora obrigados a trabalhar. Repararam os estragos que produziram em Singapura



O general Clark condecorando com a Estrela de Ouro, em Viena, o coronel inglês Malcolm por altos serviços em campanha



Uma recordação da invasão da França. Esta lancha, que se aproximou até cinquenta metros da costa, foi apanhada em cheio pelo tiro das baterias, pelo que se afundou. A tripulação salvou-se, e, seguindo para terra, foi combater contra o inimigo



A população de Singapura, depois da libertação festeja a vitória com cortejos tradicionais. Agora respiram!

OS GUARDAS E OS PRISIONEIRO



Os três japoneses que se inclinam, deferentemente, à passagem dos soldados americanos, que saem de um campo de concentração, são os mesmos que maltrataram

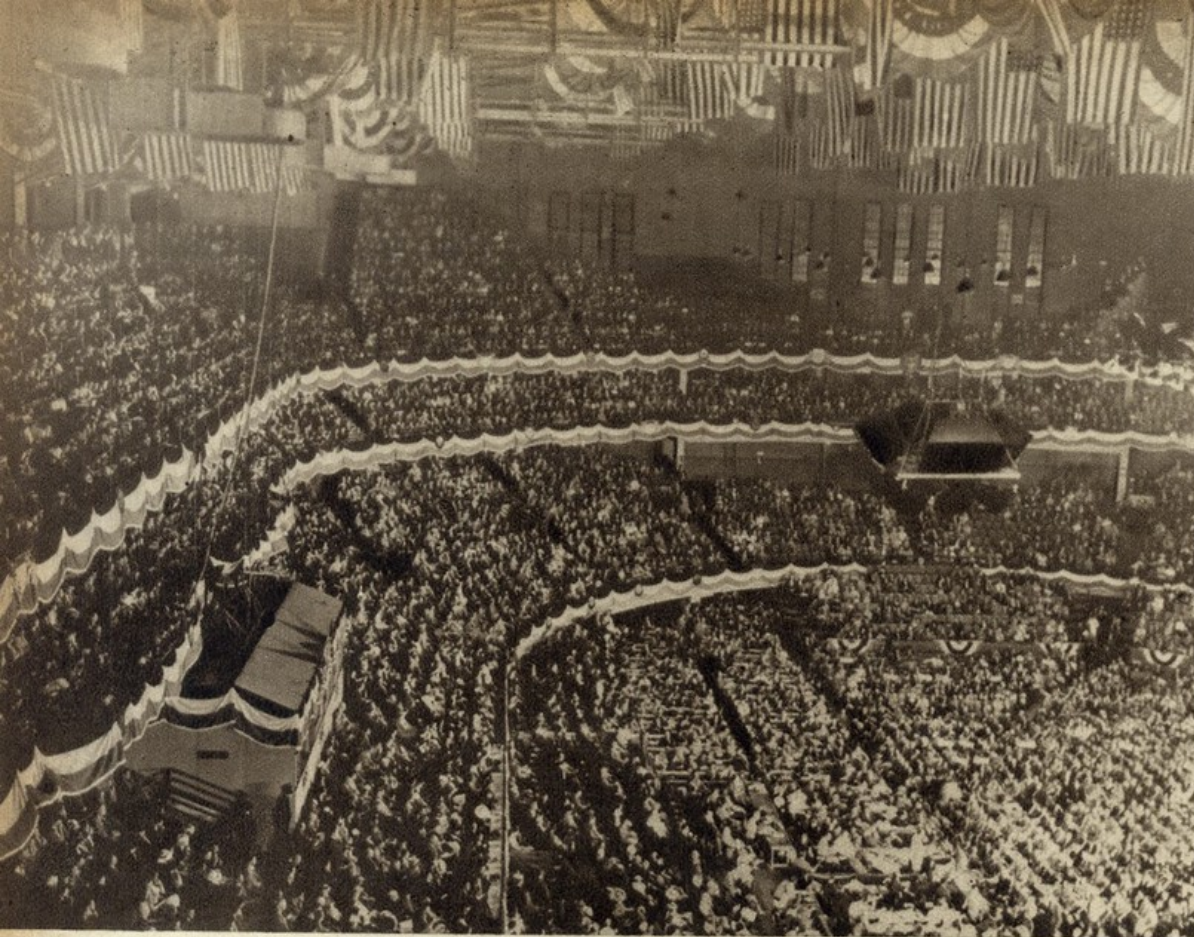
A LIBERTAÇÃO



Estes japoneses, antigos guardas de um campo de concentração, empregam-se agora em serviços mais humanos



As autoridades inglesas distribuindo alimentos às crianças da cidade de Viena



DE quatro em quatro anos, o povo americano dirige-se às urnas para eleger um Presidente. A eleição realiza-se em Novembro e, durante alguns meses, que antecedem esse acto, nêle se fixa toda a atenção do país. A Rádio e a Imprensa consagram toda a actividade às polémicas, conjecturas e notícias políticas. Os candidatos procuram posição e simpatia; os partidos políticos declaram-se sobre as questões em foco, e por toda a parte o povo discute e analisa os partidos, a sua política e os candidatos.

A guerra não interrompe nem suspende a função da Democracia, na América. Nos Estados Unidos, o ano de 1944, como o foram os de 1936 e 1940, foi um ano de eleição de um Presidente, de parte do Congresso e de muitos funcionários locais e estaduais. Quem não estiver familiarizado com o sistema político americano admirar-se-á dos americanos realizarem uma eleição em plena guerra — e no momento mais crítico da conflagração. Porque razão se não encontra toda a atenção na guerra — perguntarão — e adiam as questões da política nacional para depois do conflito? É o que aconteceria nesta conjuntura se a actual administra-



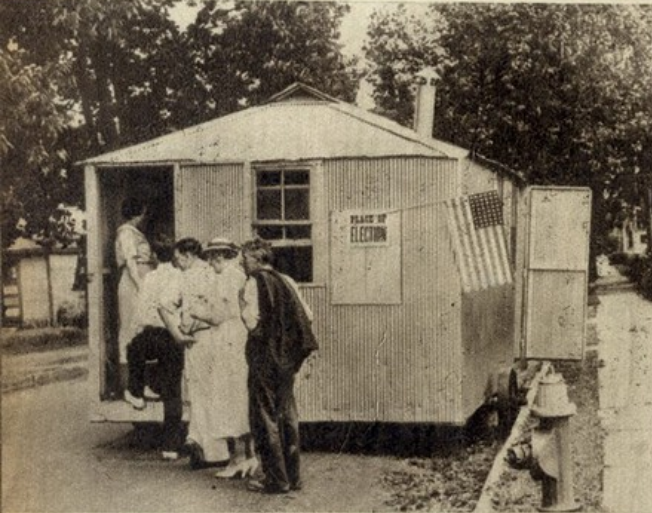
Um comício monstro. Cada Estado trouxe os seus representantes. Estes, são adeptos do Partido Republicano e o G. O. P. que se lê sobre os elefantes quer dizer Grande Old Party — o Velho Grande Partido



Eles sabem que são homens feitos precisamente da mesma massa que todos os outros e sabem que têm direito a um mínimo de liberdades de que não abdicam por princípio algum.



Não há diferença de raça, credo ou cor. Todos votam, sem excepção



As bandeiras dos Estados Unidos dominam tudo. Eles — milhares e milhares — reunidos num hall colossal, em Chicago, assistem a uma reunião do Partido Democrático para a propagação do seu candidato à Presidência

...E COMO VOTAM OS AMERICANOS

No dia das eleições. Todos votam, homens e mulheres de todas as condições. Estes carros percorrem as aldeias mais distantes para recolher as listas



O recenseamento. Cada qual sabe muitíssimo bem o que faz e o que quer



Tem oitenta anos. A mão já lhe trema, ao fazer a assinatura, mas não abdica do sagrado direito que a Constituição norte-americana lhe dá

ção perdesse e o povo elegesse uma nova administração?

Estas perguntas surpreenderiam o americano e a sua resposta seria curta e simples. Diria que temos uma eleição porque a Constituição dos Estados Unidos assim o exige. Este documento declara que o povo terá de escolher um Presidente de quatro em quatro anos e eleger os membros do Congresso de dois em dois. Assim reza a Constituição, em termos simples.

Para o povo de outros países, habituado a um sistema de governo não parlamentar e talvez não familiarizado com as eleições livres, esta resposta poderá ser insuficiente. Afinal, qual a razão por que o povo americano obedece a este requisito constitucional? A emergência de uma guerra não justificaria a sua suspensão? Uma campanha política e uma eleição não poderiam dar ocasião a dissensões internas, agora que a união do país é tão indispensável?

A resposta americana a esta pergunta é simples também. Em primeiro lugar, nenhuma cláusula da Constituição pode ser suspensa na sua execução, mesmo em tempo de guerra. Como disse um dos mais eminentes juristas americanos, este documento é uma lei para os governantes e para o povo, tanto na guerra como na paz. Em segundo lugar, não compreende porque deveriam suspender-



Outro aspecto de um comício formidável do Velho Partido Republicano

(Continua na página 29)



1 — A rua principal de Wotton-under-Edge — a High Street



2 — Entupiu-se e está a transbordar um cano de esgôto, junto da igreja Baptista. O encarregado da secretaria da junta, do distrito rural, o inspector e outras autoridades reünem-se para o inspecionar

PARA além do governo central da Grã-Bretanha, com sede em Londres, existe uma rede de autoridades locais, todas elas responsáveis para com o Parlamento e procedendo de acordo com os princípios gerais estabelecidos por este, mas todas elas também administrando os assuntos locais da sua própria maneira. A Grã-Bretanha é não só um país democrático, como cada condado, distrito rural ou urbano é, em si, uma democracia. Por isso, quase todos os cidadãos britânicos, além de poderem eleger, sejam eles homens ou mulheres, o seu representante no Parlamento, podem também tomar parte na eleição dos membros componentes da junta administrativa da sua própria cidade ou da sua junta de paróquia.

Estas juntas locais têm raízes que se estendem no passado até ao quinto ou sexto séculos da nossa era, quando os anglo-saxónios reuniam as suas assembleias de cidadãos, chamadas «town-moots», para administrar os assuntos do seu próprio burgo. Foi, porém, só no século XIX, quando o súbito desenvolvimento da indústria mecanizada, o aparecimento de novas cidades e a rápida expansão das antigas obrigou as autoridades administrativas dessas cidades a alargar o âmbito das suas actividades, que a administração local se transformou no que é hoje a Grã-Bretanha.

Na Grã-Bretanha as principais divisões geográficas são os condados. Estas unidades são de origem muito antiga. Muitos condados eram reinos separados antes da Grã-Bretanha se unir num reino único. Cada um tem o seu nome próprio, as suas características individuais, tanto no que diz respeito ao tipo da paisagem como da população e, amiúde, o seu próprio dialecto.

Os condados variam de tamanho, desde o grande condado de Yorkshire, do norte da Inglaterra, que tem uma área superior a 6 000 milhas quadradas, até ao minúsculo condado de Clackmannan, na Escócia, que tem apenas cerca de 55 milhas quadradas.

As juntas administrativas dos condados são as autoridades locais mais importantes e as que reúnem maior número

(Continua na página 30)

A DEMOCRACIA INGLÊSA



9 — O tribunal dos pequenos delitos de Wotton-under-Edge. Reúne aproximadamente de três em três semanas

10 — O lar das crianças em Wotton-under-Edge é mantido pela comissão de assistência pública da junta administrativa do condado de Gloucesterhire

11 — O pai desta família está doente há 9 anos sem poder trabalhar e, no entanto, ele e a sua mulher puderam criar esta família de 7 filhos saudáveis e robustos

12 — Uma proprietária da cidade paga os seus impostos





3—A junta do distrito rural elaborou planos para a construção de casas para os trabalhadores agrícolas



4—A junta administrativa do condado é responsável pelas estradas do condado. Para a sua conservação são-lhe concedidos fundos



5—Junto do reservatório que fica acima da cidade vê-se a instalação da aparelhagem para misturar cloro na água



A junta de paróquia de Wotton-under-Edge. Cinco dos seus membros fazem também parte da junta do distrito rural, que é mais importante, e dois fazem parte da junta administrativa do condado. À esquerda, na cabeceira da mesa, está o presidente, que tem ao seu lado esquerdo empregado da secretaria



6—É uma instalação de filtragem bem montada que foi instalada a expensas da própria cidade



7—O inspector sanitário da junta do distrito rural faz a sua inspeção periódica da água junto de uma fábrica



13—Duzentas e oitenta crianças da escola Wotton-under-Edge recebem diariamente uma refeição, ao meio-dia, que lhes é fornecida pela autoridade administrativa

14—Esta clínica de doenças de pequena importância funciona em Wotton-under-Edge uma vez por semana, no Centro de Tratamento médico da junta administrativa do condado



8—Remoção do lixo da cidade. Normalmente, compete à junta do distrito rural mas, neste caso, a remoção do lixo foi entregue, por contrato, a uma firma particular

DIANAS MODERNAS



Uma ressurreição de Diana na incarnação de uma jovem do século XX



OS desportos femininos vão cada vez tomando maior relevo — isto é, dando aos movimentos e às jovens que os praticam numa sedução de esbelteza. Apesar de remontarem a épocas já muito distantes, alguns exercícios de agilidade parece ressurgirem na mocidade dos nossos dias. E, cremos que a graça de Circe formando com o seu corcel um grupo escultórico, ainda hoje está viva no vulto alouco de uma amazona. Todos os elementos de elegância feminina ainda em nossos dias têm os seus apaixonados. É que, tudo quanto inspira beleza física não esquece. Pode passar de moda — mas não acaba.

Quem nos diria a nós que passados séculos a flecha, tal como a que Guilherme Tell usou sobre as montanhas brancas de neve da heróica Helvétia, constituiria hoje uma das mais graciosas práticas no campo dos exercícios físicos?

Pois assim é. Claro que a intenção heroica de Guilherme Tell já passou de uso, pela simples razão que outras armas mais mortíferas, apareceram na luta entre os homens.

Mas o que ainda ficou a impressionar a juventude feminina foi a graça, a flexibilidade, a rapidez da flecha.

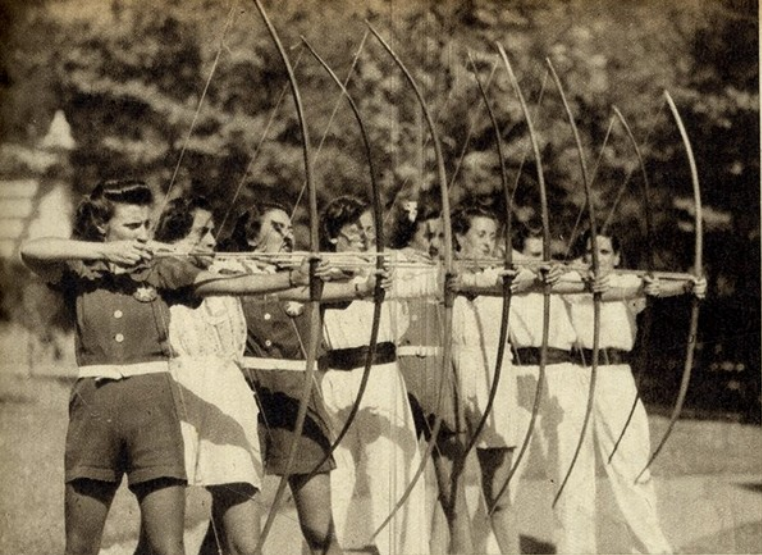
Por isso está em moda — útil e graciosa moda — as senhoras, em pleno ar, praticarem o desporto da histórica arma de guerra. Não o fazem, porém, com intuíto bellicosos e arrogantes; brincam com uma arma inofensiva que lhes empresta elegância. Pois as setas só são perigosas quando despedidas por Cupido. E esta lendária personagem já não causa ferimentos nos corações com as setas da sua dourada flecha. Há até quem afirme que sim, que ainda ocasiona grandes feridas com a sua antiquada arma de conquista. Isto, porém, não está bem esclarecido: não obstante os males do coração ainda persistirem; A arma causadora desses males é que evoluiu como, aliás, tudo tem evoluído. Mas isso são coisas que, para o momento, pouca importância devem ter.

(Continua na página 30)



A heróica da mulher antiga ressurge nestas duas «invencíveis» belezas escultóricas

Raparigas de longínquas eras recebendo ordens de ataque ao inimigo? Não, senhores. Simplesmente graciosas jovens prontas a praticar o «flechismo»



Um lindo friso em que se não sabe o que mais admirar: se a certeza da pontaria se a beleza das atiradoras



O alvo crivado de setas revela a pontaria das «flechistas». Olhem se fosse um sentimental coração humano?



Uma seta que atingiu plenamente o alvo, provoca merecidos aplausos à atiradora



Neste cenário de evocadoramente pagão, duas esbeltas «flechistas» atiram sobre o inimigo...



Não será, preciso disparar. Se o inimigo for admirador de graça feminina render-se-á sem uma flecha



A bomba voadora, no seu suporte metálico, tal qual eram utilizadas pelos alemães nos seus bombardeamentos indiscriminados da Inglaterra. O suporte pode tomar o ângulo que se deseje, de harmonia com a trajectória que se pretende fazer percorrer pelo projectil

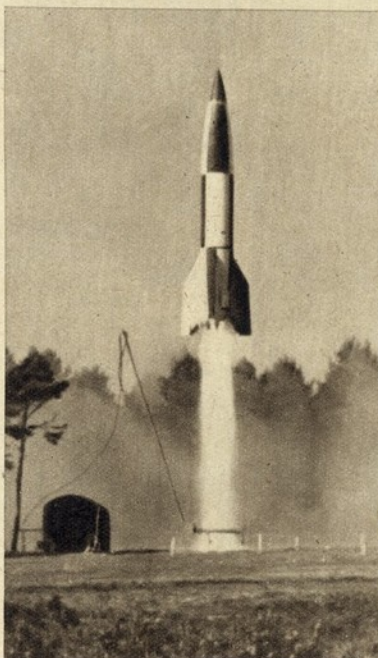
NÃO foram os alemães que inventaram a bomba voadora. Os leitores recordam-se, certamente, de um filme realizado por Fritz Lang, que se refugiou na América, por ser irredutivelmente anti-nazi, chamado «A mulher na Lua». Nesse tempo, o motor de reacção ou motor-foguete, já era uma realidade que preocupava os homens de ciência de muitos países, especialmente, americanos e russos. O aparelho de reacção existia, mas interessava apenas como futuro veículo de investigação científica para explorações estratosféricas e interplanetárias. O dr. Goddard, americano, já conseguira resultados muito de apreciar, no domínio dos propulsores desta natureza, tanto mais que foram os americanos os primeiros, nesta guerra, a utilizar os respectivos princípios, na arma que denominaram bazuka. Os russos, por seu lado, tinham feito numerosas experiências acerca da resistência física às acelerações, conseqüentes do movimento de aparelhos deste género, com auxilio de poderosas centrifugadoras.

(Continua na página 30)

A BOMBA VOADORA PARA O FUTURO

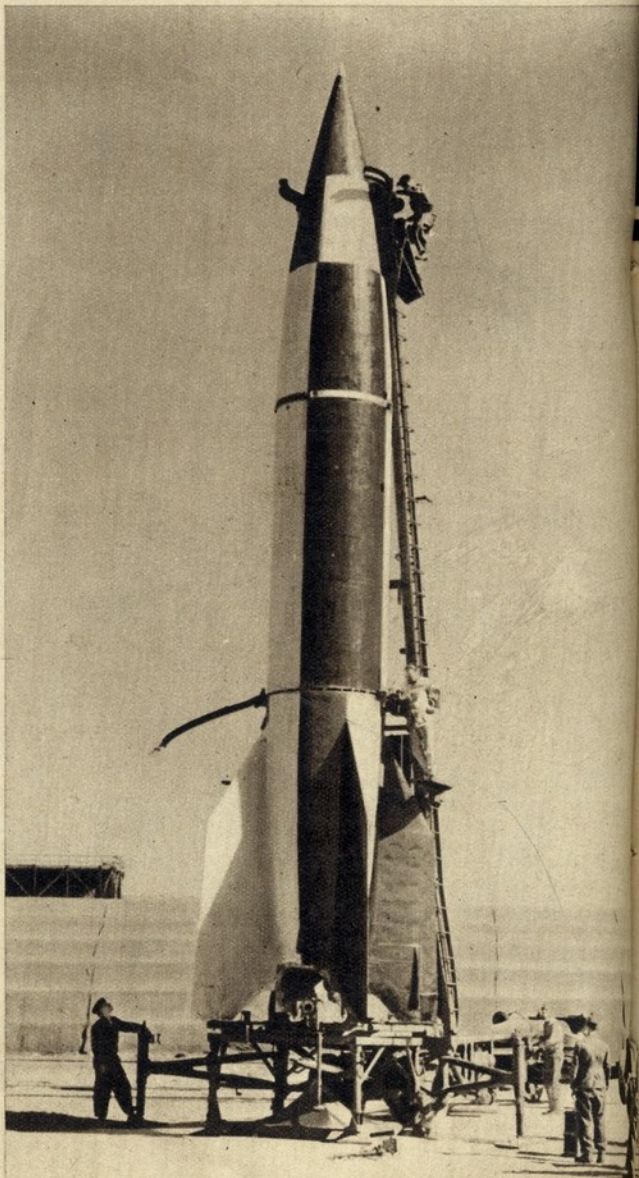


Os motores de jacto começaram a funcionar. Na cauda já aparecem as primeiras nuvens de fumo. Não tarda que dispare como um raio



Os primeiros momentos de elevação, quasi na vertical, sob a acção das explosões do seu sistema foguete.

Momentos antes da largada, técnicos britânicos examinam cuidadosamente o projectil





No copo de água a princesa Xenia, agora mrs. Calhoun Ancrum, corta o bolo de noivado



Os noivos são coroados

CASAMENTO PRINCIPESCO

NUMA cerimônia suntuosa, realizada segundo o rito russo, casaram-se, recentemente, em Londres, a princesa Xenia, filha única do príncipe Andrew da Rússia e sobrinha-neta do último czar e o tenente Calhoun Ancrum Junior, do exército americano.

O acto realizou-se na igreja russa de São Filipe. Pegou à cauda da noiva um gracioso pagem, vestido de marinheiro britânico. O noivo, acompanhado de um séquito, constituído por sete camaradas do exército anglo-americano, esperava a noiva à entrada da igreja. Os dois assinaram, o registo, efectuando-se a seguir a cerimônia. Dirigiram-se de pois a um altar, onde foram coroados e casados, conforme o rito russo, passando em seguida ao altar-mór, onde receberam a bênção do bispo, mas em inglês nessa altura.

A noiva trajava com muita simplicidade, mas o seu vestido era feito de um velho tecido eslavo existente há muitos anos na família.

Durante toda a cerimônia diversos oficiais empunharam as duas corôas principescas.

A princesa Xenia conheceu o eleito do seu coração numa festa realizada num hospital de crianças, onde ela era enfermeira. Há sete anos já que se naturalizara inglesa.



O reverendo Pelsky acompanha os nubentes até ao altar. Oito companheiros do noivo, sucessivamente, seguraram as corôas durante a cerimônia



As quinze colunas do templo de Zeus, que ainda se conservam de pé, na Acrópole de Atenas

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Toilette de Outono modelo da
Harper's Bazaar

DE PARIS

UMA cronista da revista espanhola «La Moda en España», Rachel Gayman, dá vários tópicos:

— Calça e *soutien* iguais ao tecido do vestido.

— Capas curtas, em rivalidade com boleros de pele ou de fazenda.

— Piquê alegrando vestidos escuros, em gola e mangas.

— Os fatos de tarde adoptam as seguintes cores: preto, gris-rosa e verde-musgo.

— *Pailletés* leves, retardando flôres de estampados nos vestidos que se colocam sob os casacos de *georgette* de lã.

— Muitas bolnas bem erguidas à frente, guarnecidas a falsão, malha, plumas. Bêguins com passarinhos pequenos, de cores luminosas.

— Linha completamente lisa, cingida — com drapeado nas ancas. Ou, então, com tanta roda, que tem efeito de avental solto e rodado, tanto à frente, como atrás.

— As mangas dos casacos quasi sempre têm folhos a guarnecê-las, ou, partindo dos ombros, em efeito de capa ou na orla, sendo *pagode* ou amplo quilmona como ainda se vê tanto. Esta manga é difícil mas resulta bem.



Se tiver frio vista este casaco

O CHAPEU — em modelos de:

Rose Valois:

— Bolna de camurça azul-porcelana. Atrás, tem um bico atenuado pelo enfeite de penas de falsão.

Legroux Sœurs:

— Auréola com a copa em feltro de melão e aba colada, acompanhando. Cascata de laços que vem de cima até à nuca, do lado esquerdo. São cinco.

Jeanette Colombier:

— Bolero muito alto na frente, em feltro-camurça verde. Afim de ir descendo para trás, fazem-se duas pregas sobre as orelhas. Vêu preto com pastilhas verdes.

Renée Saint-Cyr:

— Bretão em feltro cor de castanha, guarnecido com jersey verde e plumas cor de salmão.

Rose Descat:

— Modelo *trotteur* em feltro-camurça cor de avelã. Copa em feltro de sola de sapato, aba descida à frente e atrás e levemente erguida dos lados. Cascata de fitas, atrás; em azul-escuro.

Jane Blanchot:

— Bolna de camurcine cinzento-rato, guarnecida a *minoches* e com vêu verde.



Teodoro

Apresenta a mais rica colecção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

R. DO CARMO, 29-30

R. DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.

2 0 7 8 4

L I S B O A

**BORDADOS
E ALTA COSTURA**

INVERNO 1945/46

R. dos Sapateiros, 139-3.º D.º Telef. 23754

L I S B O A

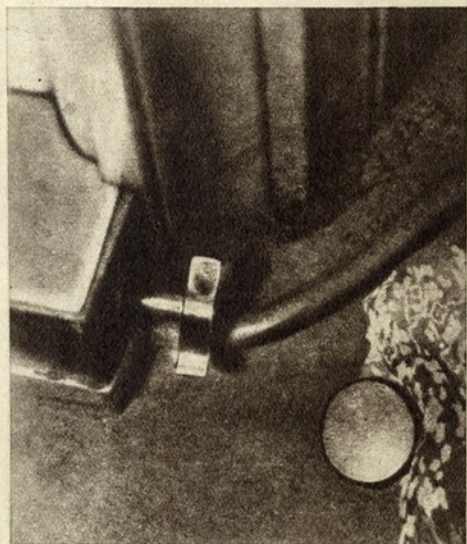
FOTO-CRIME

SUICÍDIO?



ESTANDO em Worthing a gozar umas férias, o inspector Cobbe reparou no olhar de ódio de Joan Nicholes quando o seu marido, com todo o descaramento, passou o braço pelos ombros de Olga Ashbrook. Já lhe tinha chegado aos ouvidos que havia qualquer coisa entre elas. Depois do jantar, alegando que estava com sono, Joan foi para o quarto de cama para se deitar. Jack Nicholes e Olga foram dar uma volta de automóvel. Eram então 9 horas e 30 minutos.

Precisamente uma hora depois, uma criada notou que do quarto de Joan vinha um forte cheiro de gás. Forçada a porta que estava fechada à chave, encontrou Joan morta, deitada sobre a cama, estando a torneira do fogão de gás aberta. Dez minutos depois, chegou o marido que se mostrou muito contristado com a notícia.



APÓS o exame minucioso encontrou-se uma impressão do dedo polegar da morta na torneira (a que se vê na gravura) e a do seu dedo indicador, no outro lado. Na mesa de cabeceira estava um papel com estas palavras:

Jack, compreendo que sou para ti um estorvo. Perdoa-me, Joan.

Sobre o papel encontrava-se a chave do quarto.



NA manhã seguinte Jack, identificou a letra como sendo a de sua mulher.

Explicou ainda que andava nos últimos tempos muito apreensiva, falando muitas vezes de suicídio. O gerente do hotel, ouvido em seguida, garantiu ao inspector que só tinha fornecido ao casal Nicholes uma chave. Maduramente pensando o caso, o inspector Cobbe encontrou uma pista que levou Jack Nicholes à cadeia.

QUAL FOI ESSA PISTA?

(Ver a solução na página 39)

Como votam os ingleses

(Continuação da página 9)

não pode servir para subornar eleitores e, depois das eleições, deverá apresentar-se ao fiscal (returning officer) uma carta pormenorizada dos gastos que indique a forma como o dinheiro foi dispendido.

Os fundos públicos pagam a propaganda dos candidatos

Deverá entender-se que as despesas a que aqui se faz referência são as que qualquer candidato incorre para procurar persuadir os eleitores e votar nêle de preferência a qualquer outro. As despesas necessárias ao exercício material do direito de voto dos eleitores — impressão de listas, provisão de asssembléas eleitorais etc. — suportam-nas os fundos públicos.

As leis da Grã-Bretanha não fazem referência a partidos políticos mas também não os proibem. Constituem, de facto, um elemento essencial da vida política da Grã-Bretanha. Qualquer pessoa pode fillar-se no partido que entender — com excepção do partido fascista, que foi proibido em 1940 — ou fundar novo partido ou manter-se à margem de qualquer organização partidária. Os partidos Conservador e Trabalhista apresentaram candidaturas em cerca de 600 círculos eleitorais e o partido Liberal em cerca de 500; os Trabalhistas Independentes, o partido da Comunidade e o Comunista disputaram apenas um número limitado de assentos nos Comuns. Os partidos políticos mantêm de forma permanente no maior número possível de círculos eleitorais associações locais e são estas associações que escolhem os candidatos parlamentares.

Durante a campanha, os membros mais activos de todos os partidos andam numa roda viva. Cada candidato pode enviar, gratuitamente, pelo correio, a cada eleitor do seu círculo um manifesto eleitoral — isto é, uma exposição breve sobre a sua pessoa e a sua orientação política que no geral vai também acompanhada do seu retrato. Por êsse motivo, os membros do partido têm que arranjar cópias do caderno eleitoral e escrever nomes e moradas em cerca de 50.000 envelopes. Ainda maior é a tarefa de angariar votos — andar de casa em casa a pedir aos eleitores o seu voto para o candidato do partido.

O eleitor pode responder «sim» ou «não» ou «ainda não tomei resolução» ou «não de-sejo dizer a pessoa alguma em quem voto» ou ainda pode aproveitar a ocasião para fazer perguntas sobre a orientação política do candidato ou pedir auxílio para a resolução de algum problema pessoal. Um bom angariador tem que ser paciente, delicado e capaz de responder a qualquer pergunta, tem que tomar nota exacta dos resultados do seu trabalho para que o seu partido possa conhecer quais as

(Continua na página 29)



DOMINGOS MONTEIRO

«O Mal e o Bem»

Um novo livro de Domingos Monteiro

DOMINGOS MONTEIRO que até agora nos deu dois admiráveis livros de novelas — «Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária», e «O Mal e o Bem» — é, não diremos uma revelação, pois o vocábulo está de há muito debatido pelo uso imoderado que d'ele se tem feito, mas, sim, uma forte personalidade de escritor.

Tudo n'ele se conjuga para que o possamos assim considerar sem exagero ou louvaminha.

Há nas páginas dos seus livros as virtudes indispensáveis a um grande escritor: profundidade de pensamento, um significado generoso de humanidade, um aliciente poder emotivo; tudo isto exposto numa expressão formal límpida, luminosa.

Na sua recente obra «O Mal e o Bem», Domingos Monteiro atingiu já uma perfeição nem sempre conseguida por tantos outros autores de retumbante nome literário.

Não cabe na estreiteza destas linhas uma ampla exposição crítica, nem o autor destes rascunhos é dado ao vício de criticar. Mas quando se lê um livro como «O Mal e o Bem», por muito pouco crítico que se seja, não se pode ficar indiferente e só uma sensibilidade adormecida pode ficar impassível.

Compõe-se o volume de três novelas: a que deu o título ao livro, «A menina cega» e «O encontro». Todas encerram temas dissemelhantes entre si. Na primeira, Domingos Monteiro, pela urdidura, pela acção, pelo desenho moral das personagens, revela-se não apenas um novelista, mas, se nos permitem o conceito, um extraordinário romancista. Na segunda novela «A menina cega» — que lindo título para uma balada! — atinge por vezes uma ternura e uma impressionabilidade que comovem até às lágrimas. Tal o vigor evocativo que, sem hipérboles românticas, o escritor nos transmite.

A leitura de «O encontro», a última novela do livro, acorda-nos na memória Maupassant. Não por suggestibilidade, pois Domingos Monteiro é um escritor de vincada personalidade própria, definida; mas, talvez, pelo pensamento criador que torna irmãos os grandes espíritos literários.

A desorientação que, por vezes, se nota nos arcaísmos das letras em desarticulações de temas e maneiras, merece, com efeito, uma rajada de compreensiva inteligência.

Este salutar exemplo deu-nos Domingos Monteiro no seu livro «O Mal e o Bem».

ONTEM E HOJE

por AUGUSTO RICARDO

«Mosaico»

de A. Jacinto Júnior

NÃO aspirou o poeta de «Mosaico» escrever um livro de versos em que pela audácia da forma ou essência poética provocasse o estarcimento nos seus leitores. Limitou-se, tão somente, e com respeitável sinceridade, a transmitir as suas íntimas comoções.

Dal o seu livro ter um ar simpático de intimidade. Mentiríamos se disséssemos que o poeta fez obra definitiva; até porque em arte nada é definitivamente perfeito.

No entanto, é justo salientar que algumas composições de A. Jacinto Júnior revelam, pelo espírito que os anima e na expressão lírica da forma, qualidades apreciáveis.

«A obra de um isolado»

por Mário Portocarrero Casimiro

O autor de «A obra de um isolado», pretende, num opúsculo, traçar o panegírico do poeta João Maria Ferreira. Neste seu último trabalho crítico Mário Portocarrero Casimiro, revela as suas já demonstradas possibilidades de escritor.

Pena foi que Mário Portocarrero não houvesse sido tentado por outro motivo crítico: valorizaria, decerto, mais amplamente o seu trabalho.

O facto, porém, não elimina o crítico: põe em dúvida os méritos apregoados do criticado. E nós, desculpe-nos Mário Portocarrero a confissão, admitimos a segunda hipótese.

OS FILÓSOFOS

DISSE um filósofo que tudo serve para exaltar a existência; até mesmo um livro bem escrito que diga mal da vida.

Não somos muito estreitos a citações alhista. Em alguns casos o facto revela carência de idéias próprias; noutros, parecerá pretensiosismo de sabença, embora ambos os casos estejam muito em moda.

Mas citam de quando em quando os filósofos, cremos, não fica mal a ninguém. Demais tratando-se de filósofos, que são uns indivíduos manietos que ninguém lê, em quem ninguém acredita e que, ainda por cima, são atingidos pela troça das pessoas que se julgam mais ajuizadas.

O referido pensador quis dizer na sua: que a vida, que, aliás, não é bela, pode ser agradavelmente compreendida desde que seja vista por um elevado prisma de beleza.

Pode a vida ser detestável — e iamós a escrever que o é — ser fonte de injustiças, repetir-se nas suas imitações físicas, dar-nos na Primavera as mesmas flores, no Verão o sol escaldante, no Inverno os frios inclementes, que sob o encantamento da arte, — quer sejam um livro bem escrito, um sentimento expressivamente musicado, um quadro superiormente pintado ou uma estátua esculpida por um génio da estatuária — a vida há-de parecer sempre bela a quem a imagine e vislumbre numa ânsia de perfectibilidade.

Estão-nos e lembrar aqueles seres malquistados com a existência que, por nela não caber toda a grandeza do seu sonho de bondade, a malnam.

Demónio. Parece que Nordau já sentenciou isto ou coisa muito parecida.

Deixem, porém, passar a citação. Por mais que quiséssemos foi-nos impossível fugir à evolução da época. Época de incoerências, em que tanto se mente e em que qualquer audacioso não recusa prometer-nos o paraíso para, em seguida, nos atirar para o inferno. Época em que as próprias palavras prometidas horrorizam a quem, fementidamente, as profere. Palavras prometedoras que se convertem em maléficis, aduítam os pensamentos e tornam os raciocínios falíveis.

Isto, contudo, parece estar em contradição com a sentença do filósofo a quem aludiramós.

«Africa Ilustrada»

PINCIPIOU a sua publicação em Lourenço Marques uma revista mensal de estudos, cultura e crítica que tem por director o nosso prezado camarada de jornalismo Sobral de Campos.

O número que temos presente oferece agradável aspecto gráfico e contém valiosa colaboração.

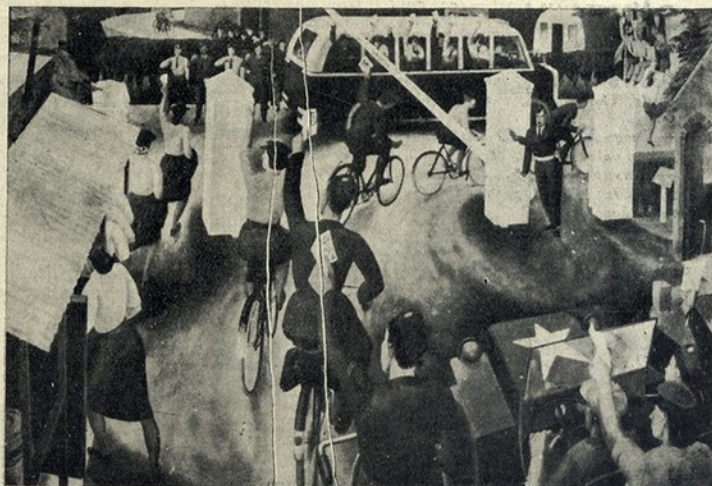
Do seu artigo de apresentação recortamos este passo: «O que teremos sempre presente diante de nós é o programa largo, fecundo, construtivo e honroso de apresentar e debater os grandes e momentosos problemas da nossa Colónia».

Do seu director e a todos quanto em «Africa Ilustrada» trabalham, enviamos cumprimentos e desejos de longa vida a publicação que competentemente orientam.

Uma obra sobre Leonardo da Vinci

O nosso querido camarada Jaime Brasil cuja obra de jornalista e de escritor é uma nobre afirmação de inteligência e de elevação humana, deve brevemente publicar um desenvolvido estudo acerca de Leonardo da Vinci.

Dada a categoria de quem a subscreeve, podemos afirmar que Jaime Brasil nos dará mais uma valiosa obra.



A pintura moderna inglesa. Este quadro, que figurou em recente exposição, é de um cabo da R. A. F., que se revelou grande artista plástico

A GRANDE PAIXÃO

(Continuação da página 4)

Domingos Manuel soergueu-se um pouco, mas com enorme esforço, e disse arrastada melancolicamente: — Olha: eu já me sinto acabar lá muito... O meu filho, há muito me pede brinquedos, muitos brinquedos, que lá na província não lhe podia dar. Resolvi então vir a Lisboa apresentar-to.

— Trouxeste o contígio?
— Sim, trouxe.
— E, onde está?
— Espera um instante... Eu queria passar o aniversário do meu filho contígio e com ele. Ora ele faz anos amanhã...

— Sim? Pois então eu terei muito gosto em festejar com vocês esse aniversário...
— Não, não. Vocês os dois, apenas: tu e ele.

— E porque não os três? Não desespere, peço-te. Amanhã estarás melhor, vais ver...

— Ilusões! Só eu sei que isto não demora. Escute, agora: eu já trouxe da província o meu testamento feito. O Adelino Fontes, amigo verdadeiro, que me tem acompanhado muito nos últimos anos, falará contígio. Intitui-te minha testamenteira e tutora do Rodrigo. Agora, vou chamá-lo...

As lágrimas voltaram a espreitar nos olhos de Matilde. Estava esmagada, sem vontade. Ele tocou a campainha e, depois, disse:

— Leva-o contígio, dá amanhã os brinquedos que ele quiser — muitos brinquedos — e se sempre para ele como uma mãe.

A porta acabava de ser aberta: apareceu uma criada com um pequenito loiro pela mão.

— Anda cá, Rodrigo — pediu o pai, numa voz estrangulada de dor e cansaço — Esta senhora é tua amiga e quer beijar-te.

O menino olhou, surpreendido e receoso, para Ana Matilde.

— Porque não me deixaste ficar aqui? — perguntou o pequenino ao pai.

— Porque estava à espera desta senhora, que é muito tua amiga e te vai dar muitos brinquedos?
— Anda cá — pediu a senhora. — Dá-me um beijo.

— Anda, vai lá, Rodrigo.

O pequenino obedeceu. Depois com suas dúvidas, ainda perguntou:

— Mas, dá-me muitos brinquedos?
— Sim. Dou-te todos quantos quiseres.

— Agora — disse o pai — tens que acompanhar essa senhora.

— E, tu, ficas na cama?
— Fico, meu filho, pois fico...

Domingos Manuel, mesmo contra vontade, não conseguiu reprimir as lágrimas.

— Porque choras, pai? Então, amanhã, não vais ter comigo?
— Amanhã, filho?... Amanhã, sim, irei ter contigo, para ver os teus brinquedos.

— E para brincares, também?
— Para brincar contigo, também, meu filho...

O dr. Adelino Fontes entrou, cauteloso e os olhos inundados de curiosidade:

— Como se sente meu amigo?
— Olhe, doutor: — disse o engenheiro sem responder à pergunta do advogado — já falei com a Matilde. O Rodrigo irá com ela, agora. O doutor, depois tratará de tudo...

— Mas... — opôs Adelino Fontes.

— Não percamos tempo, meu amigo. Eu sei que não temos tempo a perder...

Foi difícil e comovedora a despedida.

da. O pequeno quis beijar o pai, mas não o conseguiu, porque Domingos Manuel, lembrando-se do seu mal contagioso, que o tinha levado às portas da morte, não o consentiu, iludindo a recusa com esta promessa: — Amanhã, tilho, amanhã dou-te muitos beijos.

Depois, pediu que Matilde aproximasse o ouvido da sua boca, num murmúrio enternecido e disse-lhe:

Foste o meu primeiro e último amor. Trata o Rodrigo como se fosse nosso filho...

— Juro por Deus, amor, que assim farei...

— Adeus, amor.
— Adeus, amor.

— Eu vou acompanhá-la a casa — disse o advogado à porta do hotel.

— Não, não. Vá para junto do Domingos, peço-lhe. Ele precisa do senhor.

No automóvel, de regresso, Ana Matilde via a chave insistente, continua e teimosa cair sobre a rua. O pequenino fazia-lhe perguntas sobre perguntas e ela respondia a tudo dominando o seu grande desespero. «Domingos estaria no fim? Morreria nessa noite? Não, não podia ser». Precisava que ele vivesse para viver também, para ter a ilusão de que ainda poderia ser feliz.

Em casa, deitou o pequeno, que não tardou a adormecer. Ficou a vê-lo dormir, durante toda a noite, e a pensar em Domingos. Beijou-o, ao de leve, de mansinho, vezes sem conta. Por um instante, chegou a ter a ilusão de beijar um filho seu e de Domingos — o seu amor sem realidade.

De manhã apareceu o dr. Adelino Fontes, de rosto transtornado, vencido de sofrimento.

— O Domingos morreu esta madrugada. Levaram-no para o Necrotério. Eu já tratei de tudo...

— E, não disse nada?
O advogado olhou com mágoa Ana Matilde. Depois, no seu acanhamento do velho, confessou:

— Deixou para V. Ex.^a uma coisa... mas eu não sei se deva...

— Diga, por favor. O que foi?
— Um beijo.

— Um beijo?... — Ela levantou os olhos, cruzou as mãos sobre o coração, e pediu:

— Dê-mo faça favor...

Muito acanhado, o velho advogado beijou-a na face. Depois, metendo a mão ao bôsto interior do sobretudo, tirou uns papéis:

— É o testamento de Domingos

P E S S A

O LOCUTOR N.º 1



Manuel. V. Ex.^a já sabe de tudo, êle disse-mo.

— E a que horas é o enterro?
— Esta tarde, às quatro. Mas, peço-lhe, minha senhora, não apereça, cuide do Rodriguinho. Dê-lhe muitos brinquedos, como o pai pediu. Proporciono-lhe um alegre aniversário. Eu tratarei do resto...

— Está bem, doutor.

A terrível notícia talvez por ser esperada, tinha-lhe dado inesperada rizeja de ânimo. O seu amor acabava, mas deixava-lhe o filho para que ela o tratasse como uma mãe. Não ficava só, enfim. Viveria pura com o pequeno. Depois, em silêncio, choraria, choraria o seu sofrimento, a sua vivez, sem noivado...

De tarde, esmagando o desejo de chorar, saiu com Rodrigo. Levou-o a dois bazares e deixou-o escolher os brinquedos que desejou. O pequenino, bacia as palmas, contente. Escolhia tudo, queria tudo... E êle, lembrando-se do pedido de Domingos, acedia a todos os apêtes de Rodrigo.

E, essa noite, depois do jantar, o menino pediu:

— Vamos brincar agora...

Fernando Pessa, o popular locutor da B. B. C., que durante a guerra foi escutado com o maior entusiasmo pelos radio-ouvintes portugueses, está em Lisboa. Veio visitar sua mãe — pagar-lhe com beijos e abraços aquele pacotinho de amêndoas que ela lhe mandou pelo Mata. Mas volta à capital inglesa para reassumir o seu posto de locutor n.º 1 da rádio internacional. Nesta fotografia, vêmo-lo durante uma das suas actuações ao microfone, entrevistando Mc Corrie, filho do secretário honorário do clube Inglês do Pôrio, que se bateu na R. A. F.

— Não queres esperar por amanhã, Rodrigo?
— Não. Eu vi a criada andar há bocado a arrumar os brinquedos na sala...

A sala, ainda que grande, lembrava uma romaria de bonecos, bolas, brinquedos de todos os géneros.

— Que lindo! Que lindo — gritou Rodrigo, batendo as pequenas mãozinhas.

Depois, andou por um lado e por outro, como um principzinho nos seus domínios, olhando à volta como se procurasse alguma coisa.

— Falta aqui o melhor!
— O quê, Rodrigo?
— Um avião... O papá prometeu-mo...

— Mas tens muitas outras coisas, Rodrigo.

— Sim, mas eu queria um avião.

— Para quê?
— Para mandar beijos à mãezinha, que está no céu... O papá prometeu-mo...

As lágrimas, então, brotaram dos olhos da viuva sem noivado... Ajuchou à beira do menino.

— Vamos brincar os dois, Rodrigo. Depois, eu compro-te um avião para mandares beijos à tua mãe...

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

Se vende em 1800 na farmácia e droguaria

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



...E COMO VOTAM OS AMERICANOS

(Continuação da página 17)

se as disposições constitucionais para as eleições durante a guerra.

Este ponto é digno de realce. Os Estados Unidos já participaram em quatro guerras internacionais e uma civil, desde o estabelecimento da Constituição, há cento e cinquenta anos. Durante esta guerra não se julgou necessário nem aconselhável suspender as eleições. Durante a maior guerra civil do século XIX — em 1864 — os americanos dirigiram-se, serenamente, às urnas e votaram por um Presidente e por membros do Congresso. Nenhuma destas eleições provocou sérios acidentes internos, nem causou dificuldades ou perigo na condução da guerra.

O facto é que, apesar das controvérsias políticas nos Estados Unidos serem acaloradas e os oradores se excederem, os americanos estão unidos na sua fé pela Democracia.

Os americanos, portanto, não receavam as eleições. Sabiam que uma mudança na administração não significa nenhuma alteração fundamental, nem na condução da guerra, nem nas instituições, não obstante o facto de que o homem que fosse eleito ser o Comandante-em-Chefe de todas as forças armadas dos Estados Unidos. Os americanos acatam o princípio de que o direito que o povo tem de julgar os seus funcionários é indispensável à democracia, tanto na guerra como na paz. Sabiam que toda a nação aceitaria o resultado da eleição e acreditavam igualmente que a resolução para conduzir uma eleição presidencial durante a guerra era mais uma prova da solidez e rectidão do sistema democrático.

Em Junho ou Julho do ano eleitoral os partidos realizam os congressos para nomearem os candidatos. Estes congressos, assembleias constituintes dos partidos — por assim dizer — exercem várias funções das quais as principais são: redigir a plataforma e nomear os candidatos à presidência e vice-presidência. O Congresso reúne-se num grande edifício da cidade previamente escolhida para essa honra (e vantagem) do Congresso. Em 1944 ambos os partidos realizaram os seus congressos na cidade de Chicago, situado no centro do país. Ao congresso assistem, usualmente, mil delegados e suplentes que aumentam este número. São admitidos milhares de espectadores nas galerias para gozarem o espectáculo; no vasto salão, misturados com os delegados, e na larga tribuna juntam-se os dignatários do partido.

Cada Estado e cada território manda a sua delegação, que ocupa um lugar junto do pendão do seu Estado ou território. Os políticos do partido estão dispersos por toda a assembleia — delegados ou não — vigiando todas as actividades. Ouvem-se bandas de música: os heróis do partido são recebidos com saudações retumbantes, discursos e cânticos animam a assistência.

Tudo segue a melhor ordem visto que as regras estão já estabelecidas por congressos anteriores. Um presidente provisório está já também nomeado, cuja missão é pronunciar o discurso (keynote) que estabelece a orientação do congresso e da campanha que segue.

Há uma comissão de credenciais que fiscaliza a identidade dos membros do congresso. Após estas praxes preliminares, o congresso elege um presidente efectivo e dá começo aos trabalhos de redigir a plataforma e escolher os candidatos. Por agora, façamos uma análise ao trabalho primordial do congresso e que capta toda a atenção do país: a escolha do candidato.

A primeira prova efectua-se quando os partidos escolhem as delegações estaduais para os congressos. Estas delegações são escolhidas, mais ou menos, de dois modos. Um é o chamado voto primário estadual do partido e manifesta a sua preferência pelos candidatos à presidência. Cerca de uma terça parte dos Estados estabelecem disposições para estes votos primários. Outro, mais usual, é aquele em que os próprios partidos escolhem os seus delegados — no congresso estadual do partido ou coisa semelhante. Aqui não há apelo formal à opinião pública, embora cada congresso do partido, não obstante, reaja segundo a opinião popular. Consequentemente, nalguns Estados, as eleições primárias ou acções partidárias terem comprometido os delegados estaduais em favor de um certo candidato. A estes chama-se-lhes delegados «instruídos» e, normalmente, cada candidato tenta adquirir todos os delegados «instruídos» que pode, antes do congresso. Noutros Estados — e quasi sempre na maioria destes — os delegados escolhidos vão sem ordens especiais — teoricamente livres para votarem em quem quizerem.

Nos últimos anos pareceu um novo factor que muito influencia a selecção dos candidatos dos partidos — o inquérito à «opinião pública». Realizados frequentemente, estes inquéritos dão-nos uma esta-



Antes das eleições. Os representantes de todos os Estados, num grande comício

tística da opinião pública, fornecendo, assim, aos ansiosos chefes dos partidos um índice da atitude popular para com os candidatos. Um mês antes do congresso, estes chefes — e os delegados — já têm uma boa idéia da preferência popular relativamente aos candidatos. Deste modo, embora os métodos para propôr os vários candidatos, e até para a final nomeação destes, não sejam de todo democráticos, estes métodos dão lugar à opinião pública e o resultado é muito provável ser de conformidade com a vontade da maioria do partido. Com toda a certeza, se algum partido repudiasse ou melindrasse a preferência popular na nomeação dos candidatos, correria o risco de perder as eleições

DIANAS MODERNAS

(Continuação da página 20)

O que nos interessa, nos prende, nos seduz é a ressurreição da flecha, digamos assim.

E não há ninguém, por mais indiferente que seja às livres manifestações de beleza que fique insensível perante a gracilidade e a armónica e esculptórica atitude destas encantadoras flechistas, que reproduzimos nestas gravuras.

Contemplem e admirem estas jovens e digam-nos depois se não é verdade o que acabamos de escrever acerca da fascinação do flechismo exibido pelas nossas raparigas.

AS RUGAS
SÃO O PIOR INIMIGO DA SUA BELEZA
ELIMINE AS SUAS, USANDO OS PRODUTOS ELÉCTRICOS **MIRABILIA** (LOÇÃO E CRÈME)

N.º CAMPOS

ANUNCIAI NO **Mundo Gráfico**

A CAPELA SIXTINA

(Continuação da página 11)

as corças, os javalis, surgem pintados dum vermelho escuro ou, então, a preto, senão combinadas estas duas cores o que lhes dá um palpitante relevo linear e alterosidade de formas, muitas vezes aproveitando para êsse efeito que o podemos chamar volumétrico, as próprias protuberâncias das rochas.

E uma coisa extraordinária, de assombrar o visitante, aquelas estampas que nenhum animalista hoje faria com mais vida, mais precisão, mais naturalidade! O tempo em nada prejudicou as maravilhosas pinturas da caverna de Altamira. As cores parecem de agora. Afirma-se que o homem pré-histórico empregava para obter o vermelho o sangue dos animais, e para o preto uma grafite especial.

Seja como for, é um verdadeiro deslumbramento. Dezenas de pinturas animam aquele teto, algumas das quais, porém, incompletas.

Ao lado desta gruta, existe outra de estalagmites, às centenas, que se têm modelado ao longo de milênios — um milímetro por século — onde a imaginação vê as mais bizarras figurinhas, em prodígios de escultura.

As gotas de água, que caem da abóboda, depositando o calcário, vão modelando aquelas fantásticas criações, que tanto nos surgem em cima duma pedra, como no solo. Não me-

dem mais de vinte centímetros de altura.

umas parecem bailarinas, outras, esbocetos rodinescos, velas, candelabros, momos, ugolinos, numa multiplicação de formas que atinge o caricatural e o dramático mais extremos.

Essas duas curiosidades das Astúrias, que bem merecem uma visita turística.

Rogério Pérez

A democracia inglesa

(Continuação da página 19)

de membros e são também as autoridades locais mais importantes e as que reúnem maior número de membros e são também as que assumem as responsabilidades de maior vulto — a administração da educação, os serviços principais de saúde, a assistência oficial aos necessitados — em todo o condado, tanto nos distritos urbanos como nos rurais. Cada condado, na Inglaterra e no País de Gales, tem dentro das suas várias municipalidades e distritos urbanos e rurais, cada um dos quais tem a sua junta própria. Os distritos rurais são, além disso subdivididos em paróquias que também elegem as respectivas juntas.

Estas autoridades menos importantes têm também as suas responsabilidades, entre as quais estão incluídas algumas algumas de certa importância tais como a adoção de medidas sanitárias relativas à saúde das suas comunidades, limpeza de ruas e remoção de lixo.

As cidades e certas grandes aglomerações urbanas estão colocadas no mesmo nível que os condados e as suas juntas administrativas desempenham os deveres que correspondem tanto a um condado como a uma cidade, dentro da área da sua jurisdição.

As juntas locais nomeiam habitualmente comissões compostas de certo número dos seus membros para tratar dos vários assuntos administrativos e estas consultam por sua vez os funcionários profissionais empregados pela junta para sua orientação. Estes funcionários incluem o delegado de saúde, o agrimensor, o inspector sanitário, etc.

Cada municipalidade ou distrito cobra uma taxa sobre a propriedade tanto rural como urbana, baseada no valor que lhe é atribuído para o cálculo dos impostos. Estas taxas constituem uma das duas grandes fontes de receita das autoridades administrativas, sendo a outra as importâncias que lhe são concedidas pelo Estado para determinados fins específicos.

As fotografias que publicamos mostram como funciona a autoridade local em Wotton-under-Edge, uma cidadezinha britânica de cerca de 3.700 habitantes que se aninha numa prega dos montes Cotswold, no condado de Gloucestershire.

COMO VOTAM OS INGLÊSES

(Continuação da página 26)

zonas do círculo que exigem um esforço especial de propaganda. Durante o dia, o próprio candidato andarão tanto quanto lhe for possível neste trabalho de angariamento pois os eleitores gostam de conhecer tanto a sua pessoa como a sua orientação política. Ao meio dia, o candidato estará provavelmente ao portão das fábricas, dirigindo a palavra aos operários durante a hora do almoço e todas as noites falarão em vários comícios, em salas ou ao ar livre.

Se tiver tino, não fará longos discursos e dará bastante tempo para o seu auditório lhe dirigir perguntas. Algumas serão perguntas simples e francas de pessoas que procuram informar-se, mas outras serão de algebeira, feitas com o propósito de colocar o candidato em posição difícil.

Na Assembleia eleitoral

No dia da votação, as escolas transformam-se em assembleias eleitorais. Chegam de manhã cedo os funcionários nomeados pelas autoridades locais para pôr tudo em ordem. Durante todo o dia e pela noite dentro, vêm os eleitores. Dentro da assembleia, o eleitor não encontrará a mínima actividade partidária nem qualquer espécie de pronoganda. Chegou a ocasião e se decidir em segredo. Dá o seu nome ao funcionário competente que o verifica no caderno eleitoral, dá baixa (o voto e entrega-lhe uma lista. O número de registo do el-

tor escreve-se no talão da lista mas não na própria lista. Faz-se desta forma a fiscalização para que ninguém vote duas vezes. O eleitor leva a lista para um gabinete particular onde marca com um X o nome do candidato em que deseja votar e depois enfia a lista na fenda de uma urna selada. Fica assim estritamente resguardado e mantido o segredo da votação.

No passado procedia-se habitualmente ao escrutínio e à contagem das listas na mesma noite ou no dia seguinte. Nas últimas eleições, porém, houve um intervalo à espera que chegassem pelo correio as listas dos eleitores em serviço no ultramar. Faz-se a contagem sob a superintendência do fiscal (returning officer) e na presença dos candidatos. Em tudo isto a particularidade mais notável talvez seja a seguinte: durante toda a campanha a rivalidade dos partidos é intensa, mas o funcionamento da máquina eleitoral é pacífico e ordeiro. Candidatos e partidos podem debater questões, discutir e persuadir, mas as leis e os costumes da Grã-Bretanha garantem que, em última instância, o juiz a lavar a sentença será: «João Cidadão» e a sua mulher.

A BOMBA VOADORA

(Continuação da página 22)

E, os alemães, acompanhando, a par-e-passo, os progressos russos e americanos, estudando eles próprios nos seus laboratórios, não hesitaram em construir a bomba-foguete — a V-1 e a V-2 — para os bombardeamentos sem rei nem roque, das cidades inglesas. Processos nazis...

Com a derrota alemã, os técnicos ingleses aprenderam numerosos destes projecteis, com os quais realizaram algumas experiências, afim de saberem os melhoramentos que, porventura, os alemães teriam introduzido no sistema já conhecido.

E aos técnicos parece — já o haviam considerado antes da guerra — que o futuro avião de longo curso e grande velocidade, terá, necessariamente, de ser um aparelho de propulsão foguete. A estratosfera está quasi por explorar e, nela, todas as velocidades são possíveis e é, afinal, nela, que o avião foguete dará o máximo do seu rendimento — lá, onde a hélice vulgar não conseguirá fazer mover o avião.

Teremos, pois, dentro em breve, acreditem, o Atlântico vencido em poucas horas e não seremos demasiado audaciosos, se dissermos que, com os motores de reacção de parabólicas trajectórias estratoféricas, se dissermos, mesmo, em poucos minutos,

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

COMO vimos, foram encontradas, na torneira, duas impressões digitais das vítimas, correspondendo uma ao dedo polegar, outra ao indicador. Saltou-lhe à vista que a impressão do dedo polegar não correspondia à realidade dos factos, não podendo ser admitido o suicídio, pois pela posição relativa das duas impressões se concluiu que quando Joan mexe a torneira havia sido para fechar e não para abrir. (Experimente o leitor) Se ela a tivesse aberto, a impressão do dedo polegar estaria exactamente do lado oposto.

Mais investigações demonstraram que Jack acendera o fogo antes do almoço, tendo limpo cuidadosamente a torneira. Joan quando se levantou, apagou o deixando nítidas impressões. Quando ela se foi deitar, seguiu-a passados momentos, calafetou as janelas e as portas, colocou o bilhete e a chave, abriu cuidadosamente a torneira sem mexer nas impressões e fechou a porta à chave com uma outra que fizera.

ESTOMAGO ÁCIDO?

Não é muito bom sinal!
Mas se tomar duas Rennie's
Vai-se embora todo o mal!



UMA DOR

Quando se sentir roído pela acidez do estômago não precisará de misturar um remédio na água. Precisarão, sim, de qual quer coisa mais rápida e melhor. Precisarão de Rennie's.

As Rennie's são embuinhadas, se paradamente esteja onde estiver. Poderá tomar duas sem que o seu estômago der sinal de existir. Basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados. Dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sentiu-se reconfortado. O apetite volta.

Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie's ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na bolsinha de mão.

UM SORRISO

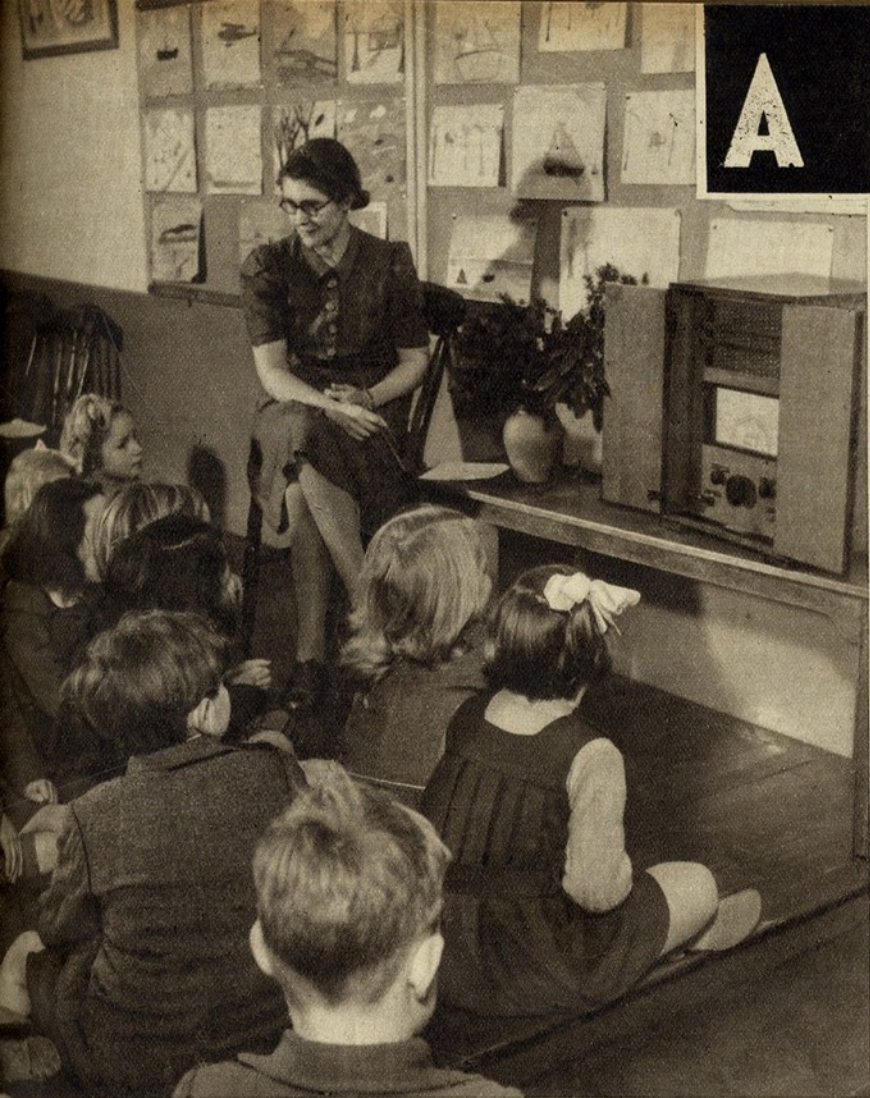


RENNIE'S

A B. B. C.

FALA E O MUNDO ACREDITA

As transmissões para crianças têm um lugar importante nos programas da B. B. C. As nossas fotografias mostram crianças inglesas ouvindo emissões educativas e uma cena, no estúdio, durante a transmissão de um programa para pequeninas francesas





TO-DAY
ELECTION
Tuesday

GENERAL
OFFICIAL GOV

A MULHER AMERICANA
TAMBÉM VOTA

**MUNDO
GRÁFICO**